



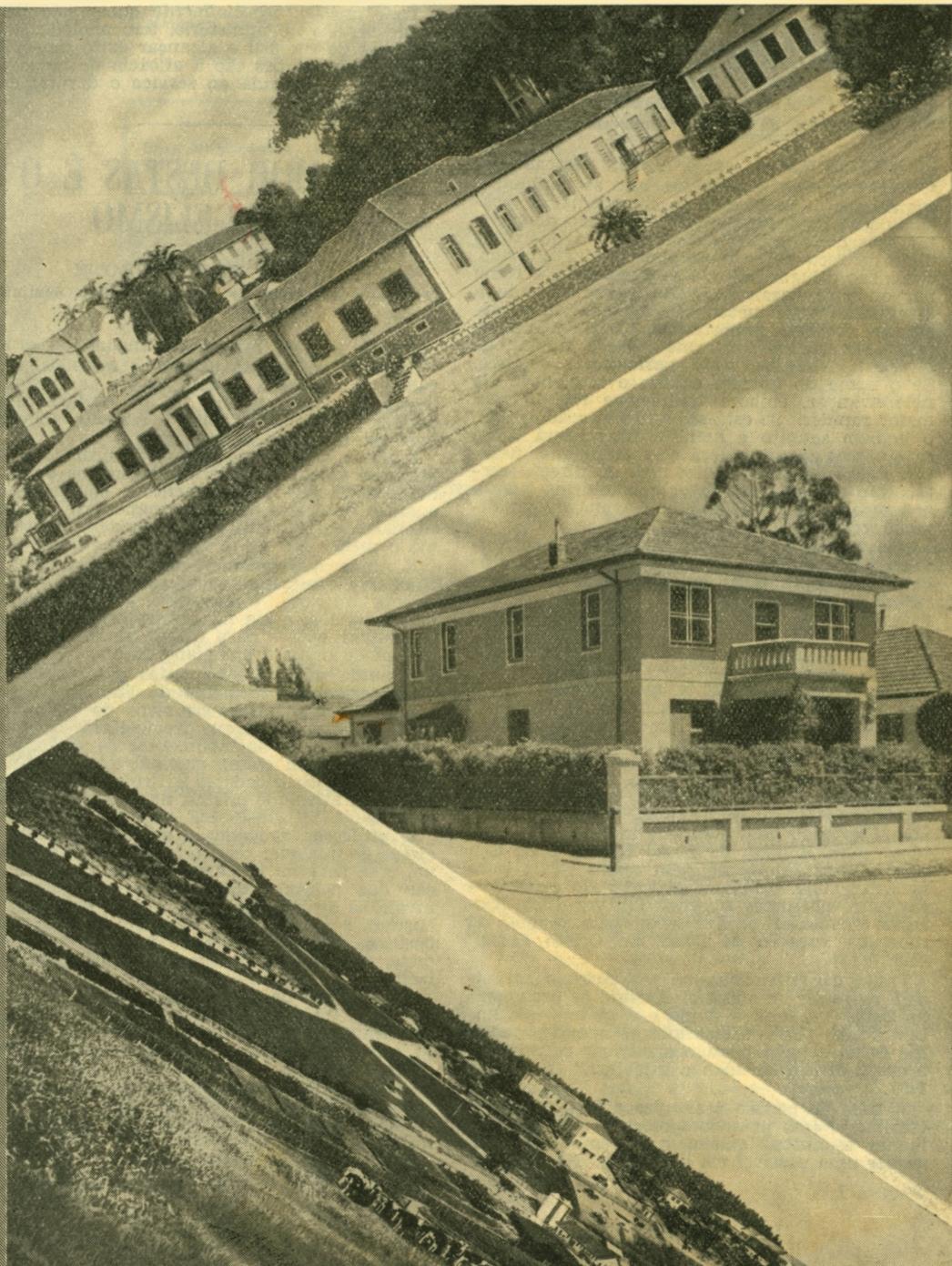
O MINISTÉRIO ADVENTISTA



0 21

JANEIRO-FEVEREIRO DE 1955

Nº.





ESQUEÇAMOS O PASSADO

ARTUR H. ROTH

(Presidente da Divisão Inter-americana)

É TRADICIONAL entre muitas pessoas que, ao fim e comêço de um ano se ponham a lembrar o passado e a considerar as possibilidades do futuro. Prática tal não deixa de ter seus méritos. Dá ao indivíduo a oportunidade de reconhecer quanto progrediu na vida, quais são o lugar em que se encontra e o rumo por onde se encaminha. Ao haver chegado a esse ponto vital necessário é tomarem-se algumas decisões importantes. Deve a pessoa prosseguir na mesma rota? Deve mudar de direção? Ninguém pode permanecer estático. Se o rumo do homem é bom e reto, deve êle nele avançar, embora tenha que fazê-lo com maior rapidez. Se está seguindo direção errada, o homem sensato e honesto retrocederá sobre seus passos e os inverterá completamente. Sempre estará em movimento, mas na direção certa. Não necessitamos fazer comentários quanto aos resultados finais dos que avançam em direção errada.

Não obstante, ao fazer inventário, não voltamos a viver no passado, quer haja êle sido bom, quer indiferente ou mau. Isto não entra no plano de Deus. O dia de ontem é coisa do passado. Pode haver estado repleto de gozo e êxito, ou cheio de tristeza e fracassos, mas não deixa de ser assunto do passado. Portanto, será para sempre lançado no esquecimento. Não cuidemos em revivê-lo; o que o Senhor quer que façamos é que vivamos o dia de hoje.

Alguns dos passos das Escrituras mais alentadores para os cristãos foram escritos por São Paulo, apóstolo. Disse êle: "Esquecendo-me das coisas que atrás ficam..." (Fil. 3:13). Lembraremos todos que seu passado estava juncado de ódio e perseguição. Havia êle manchado as mãos com o sangue inocente dos cristãos. Fôra inimigo de nosso Mestre e de Seu povo. Nada prazeroso nem nobre havia para recordar, mas tampouco evocava êle essas coisas para mortificar a alma. Em vez disso, proferiu: "Prossiga para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus." (Fil. 3:14).

Paulo não permitiu que seu passado satânico o réduzisse ao silêncio. Aceitou as promessas de Deus, e a feita a Paulo é a mesma que nola é a nós: "Se confessarmos os nossos pecados, Êle é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça." (I S. João 1:9).

A base do perdão é simples e fácil. É quase incrível. Nosso passado mostra-se tão terrivelmente espantoso que nem podemos imaginar sequer uma possível via de escape. Não obstan-

te, contamos com a inequívoca promessa de Deus. Nessa promessa está o poder para o perdão e a purificação, mas ainda há algo mais. Ao perdoar Deus o pecado, não mais Se lembra dêle. Por que devemos nós lembrá-lo? As pessoas perdoadas por Deus não se atrevem a viver no passado. Desejam viver a vida que Deus quer que vivam. Como criatura nova, perdoada, o apóstolo se entregou à tarefa de convencer todos os homens da necessidade de entregarem a Cristo o coração.

Ao rememorarmos nossos erros e fracassos do passado, bom será que também nós os esqueçamos e, em seguida, aceitando as promessas de Deus, esqueçamos o passado e imploremos Sua graça para o dia de hoje.

Todo cristão, especialmente quem está prestando serviço no ministério, tem oportunidades gloriosas de ser útil e alcançar êxito nesse dia. Suas oportunidades são a eficácia de uma vida perdoada e dedicada ao serviço e devotamento do Mestre.

A MAIOR DESTAS É O EVANGELISMO

MELVIM K. ECKENROTH

(Professor Assistente de Teologia Prática, Seminário Teológico Adventista)

AINDA que eu falasse as línguas da erudição, e ainda que usasse os métodos aprovados da educação, e deixasse de ganhar para Cristo os meus alunos, ou de edificá-los no caráter cristão, seria como o lamento do vento num deserto sírio.

E ainda que tivesse o dom de profecia e conhecesse todos os mistérios, e pudesse dominar todas as forças do argumento e superar todos quantos ousassem comigo argumentar, e os não ganhasse para Cristo, seria verdadeiramente como o metal que soa e como o sino que tine.

E ainda que possuísse a melhor perícia de ensinar e conhecesse todos os mistérios da psicologia religiosa, e possuísse todo o conhecimento bíblico, e me não empenhasse na tarefa de ganhar outros para Cristo, seria como uma nuvem de orvalho em pleno oceano.

E ainda que eu lesse todos os comunicados da Associação e as lições da Escola Sabatina, e ainda que atingisse os alvos da Campanha da Recolta, e ainda que frequentasse os cursos ministeriais e os acampamentos de verão, e me satisfizesse com coisas que não fôssem ganhar para Cristo os pecadores e firmar as almas no caráter e atividade cristãs, nada disso me aproveitaria.

O professor, pregador e obreiro ganhador de almas de qualquer território é sofredor e benigno, e se satisfaz unicamente com a disseminação das palavras da verdade salvadora; não inveja os demais que estão isentos da tarefa de ensinar e em situação humilde; não se ensoberbece de alguma grande posição de autoridade, nem se orgulha de sua capacidade intelectual.

O ganhador de almas não se porta com indecência entre os sábados, não busca o seu próprio conforto, nem se irrita facilmente, nem folga com as más informações a respeito de seus irmãos; suporta todas as coisas, crê todas as coisas que os irmãos garantem, e espera que todas as coisas tenham bom fim.

Agora, pois, permanecem o conhecimento, os métodos e o evangelismo, êstes três, mas o maior dêstes é o evangelismo.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Gerente — **Bernardo E. Schuenemann**
Redator responsável — **Luiz Waldvogel**
Redator associado — **Rafael de A. Butler**
Colaboradores especiais
Walter E. Murray, Walter Schubert

NOSSA CAPA

Casa Publicadora Brasileira, União Sul-Bra-
sileira e Colégio Adventista Brasileiro.



ANO 21

Nº. 1

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

- Esqueçamos o Passado* 2
A Maior Desta é o Evangelho 2

ILUSTRAÇÕES

- Onipresente* 3
O Convite de Jesus Para a Felicidade 3
O Hábito de Cair 3
O Canguru 3

ARTIGOS GERAIS

- O Ano 1955 no Horizonte da Divisão Sul-
Americana* 4
Como, Que e Quem? 5
*Conjugação de Esforços na Vida Capítulo
IV — Uma Sã Filosofia de Vida* 6
*O Anticristo na História e na Profecia —
II A Evolução do Papado* 9
O Campo é o Mundo 20

EVANGELISMO

- Aparências ou Realidade?* 15

CAIXA DE PERGUNTAS

- O Significado de Mal. 2:1-17* 17
A Profecia em Evidência 17

NOTAS E NOTÍCIAS

- O Papa Pio XII* 18
Retratção de Críticas 18
Os Pagãos Indus 18
Cristo ou Krishna? 18
*Na Cidade de Londres, Há 150 Anos, Nas-
ceu a Primeira Sociedade Bíblica* 19
Curso de Leitura Ministerial para 1955 19

ILUSTRAÇÕES

Onipresente

DIZ-SE que um ministro novayorquino, ansioso de ver e ouvir o ator Both, endereçou-lhe a carta seguinte: "Estou ansioso por assistir a uma de suas representações, mas como sempre condenei o teatro, e iria passar por hipócrita, não poderia o senhor fazer-me entrar por uma porta lateral?" A isto respondeu o Sr. Both: "Não existe porta lateral de entrada para o meu teatro, pela qual Deus não possa olhar."

Que repreensão, e que proclamação de fé! No púlpito, em casa não importa onde desempenhemos o nosso papel no drama da vida, cremos num Deus que tudo vê. "Tu, ó Deus, me vê". — *More Illustrations and Quotable Poems*, por A. B. Webber.

O Convite de Jesus para a Felicidade

JESUS convida as pessoas para uma vida de felicidade. Ele enfrentou as ocorrências desanimadoras da vida, e não obstante pretendeu haver desfrutado felicidade. Pouco antes de Sua crucifixão, chamou ao Seu redor os amigos íntimos, e falou-lhes de felicidade. "Minha paz vos dou", disse: Falava Ele dessa profunda felicidade que não pode ser desfeita, pois acrescentou: "Não se turbe o vosso coração." "Dou-vos o Meu Espírito". "Eu o possuo e reparto com quem quero." — *More Illustrations and Quotable Poems*, por A. B. Webber.

O Hábito de Cair

Foi essa uma resposta atilada de um converso pagão na Síria, cujo empregador lhe ordenara que trabalhasse no sábado, mas êle recusara com firmeza. O empregador buscou argumentar, dizendo: "Não diz o vosso Mestre que se um homem possui um boi ou um jumento, e êsse cair numa vala no dia de sábado, êle o pode dali tirar?"

— Sim, respondeu o empregado cristão, mas se o jumento adquirir o hábito de cair na mesma vala cada sábado, o seu proprietário deverá, então, ou entulhar a vala, ou vender o animal. — A. E. Kittridge.

O Canguru

Como todos sabem, o canguru é o nome de grande animal da família dos marsupiais, encontrado na Austrália, e tem os membros anteriores muito curtos, e os posteriores musculosos e compridos; razão por que se movimentava aos saltos, com grande rapidez. Atinge dois metros de altura. As fêmeas têm uma bolsa ventral, onde a cria se refugia nos momentos de perigo.

Conta-se que o célebre navegador inglês, capitão Cook, ao descobrir a Austrália, ficou intrigado com o estranho animal, antes nunca visto, que alguns de seus marinheiros haviam conseguido apanhar e trazer para bordo.

Enviados novamente à terra para indagar dos aborígenes "que bicho era aquele," voltaram dizendo chamar-se "canguru". Só muitos anos depois se verificou que "canguru," no idioma êsses aborígenes, significa simplesmente: "Que é que o senhor disse?"

ARTIGOS GERAIS

O Ano de 1955 no Horizonte da Divisão Sul-Americana

W. E. MURRAY

(Presidente da Divisão Sul-Americana)

AO meditar no ministério do Senhor Jesus na Terra, fica-se muito impressionado com o zelo do Salvador de levar o evangelho ao mundo todo. Ao escolher os doze, encarregou-os duma tarefa especial: a pregação do evangelho. Disse-lhes: "E, indo pregai." A atividade principal dos discípulos deveria ser a pregação do evangelho. No capítulo 4 do evangelho de São João, o Senhor ressalta novamente a importância da missão que veio cumprir neste mundo. Admoestou Seus ouvintes a não julgarem que ainda havia quatro meses até à ceifa, dizendo-lhes: "Levantai os vossos olhos, e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa."

Jesus tinha pressa de cumprir Sua missão. Certa ocasião disse que precisava trabalhar enquanto era ainda dia, porque vinha a noite, quando ninguém poderia trabalhar. Noutra oportunidade mencionou que tinha outras ovelhas que não eram do mesmo aprisco. Sobre o coração do Salvador pesava a responsabilidade da obra que deveria ser feita entre os milhares e milhões da Terra, e culminou Suas instruções com a grande comissão evangélica que encontramos em S. Mat. 28:19 e 20: "Portanto ide, ensinai tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar tôdas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos."

Jesus estava por deixar a Terra, e antes de fazê-lo quis deixar uma ordem que abrangesse os séculos vindouros; alguma coisa que incluísse a igreja tôda, tanto o ministério como os leigos: a imperiosa necessidade de pregar o evangelho.

Um dos aspectos mais interessantes da obra da redenção do mundo é que impõe aos que recebem a salvação a tarefa de proclamar a outros o evangelho. Noutras palavras: os que se salvam pelo poder do evangelho, devem ajudar outros a ser também salvos. Ao pensar no abarçante que isso é, reconhecemos ser verdadeiro privilégio que Deus tenha permitido à humanidade associar-se com o Senhor Jesus na obra de remir o mundo. Por certas expressões do Redentor podemos notar que teve em alta estima a obra da salvação das almas. Certa feita manifestou que havia gozo no Céu por toda pessoa que se arrependia. Nós, os humanos, temos o grande privilégio de ser capacitados pelo Senhor Jesus, mediante o ministério do Espírito Santo, para ser colaboradores Seus na magna tarefa de levar o evangelho aos milhões da Terra.

Esta comissão implica também um dever. Nunca poderá a igreja passar por alto a obrigação delineada pelo Senhor no capítulo 28 do evangelho de São Mateus. Podemos realizar muitas tarefas dentro da igreja, mas se não cumprirmos com nosso dever nesse sentido, se-

remos, no último dia, considerados culpados. Deveria pesar sobre o coração dos membros da igreja e do ministério, a grande tarefa de terminar a obra de Deus neste mundo. Não foi encomendada aos homens tarefa nenhuma maior que a de levar o evangelho a tôdas as nações.

Na Divisão Sul-americana fizeram-se planos para levar a cabo, em 1955, a maior obra já feita até agora. Desejamos que este ano tenha uma significação especial para cada um de nós. Não conhecemos, porém, o número dos batismos celebrados durante o ano 1954, mas, de qualquer forma, esperamos resultados muito melhores durante o ano presente. Agradecemos a todos os nossos obreiros o espírito de cooperação demonstrado através do ano que acaba de terminar, e esperamos que Deus nos acrescente bênçãos ainda maiores na conquista de almas durante 1955.

Na última sessão do Concílio da Divisão Sul-americana esboçamos alguns planos para o ano em curso. Em conformidade com eles, estamos aconselhando cada campo local a que estude o seu território e faça, para a obra evangélica, planos que abranjam os anos 1955 a 1957. Desejamos que a mensagem penetre em tantos lugares novos quantos seja possível durante estes três anos.

Estamos recomendando a todos os departamentos de nossa organização que centralizem no evangelismo a sua atividade. Desejamos animar os professores de nossas escolas primárias a que façam esforço especial tendente a ganhar para o evangelho não somente os alunos, mas, por meio deles, também os pais. Para a atividade da Escola Sabatina, da colportagem, dos jovens e demais ramos da obra, muitas almas poderão ser ganhas durante o presente ano.

Também estamos recomendando que dentro do possível os grupos isolados sejam organizados em igrejas. Sabemos que um grupo é limitado em muitos sentidos, razão por que aconselhamos aos nossos obreiros que façam esforço para aumentar o número de membros dos grupos existentes, a fim de que possam ser organizados em igrejas. Pensamos que isto nos será de muito proveito em nossos planos de evangelização.

Nosso concílio também decidiu animar os campos para realizarem campanhas para ajuntar fundos que contribuam para a construção de edifícios de igrejas. Desejamos recomendar aos presidentes das Uniãos e campos locais que façam um estudo cabal das possibilidades de ajuntar fundos para este fim.

Agradecemos muito aos nossos irmãos, tanto obreiros como leigos, o que foi até agora realizado nesse sentido. Não obstante, agora temos em que nos toca viver exigem esforços

ainda maiores que os do passado, e rogamos a todos que contribuam com os meios de que dispõem para que venham a ser reunidos os fundos necessários e, com a bênção divina, possamos ter cada vez maior número de edifícios de igrejas em nosso território.

Também estudamos a atividade dos irmãos leigos. Durante o ano passado fizeram eles um trabalho admirável, quer pregando o evangelho e fundando escolas filiais, promovendo a obra das sociedades beneficentes "Dorcas", quer noutras atividades. Agradecemos a todos, e também a Deus, o ministério do Seu Espírito. Não obstante, este ano devemos realizar obra ainda muito maior. A atividade dos leigos, que atingiu dezenas, terá que alcançar centenas e milhares. Onde havia uma única escola sabatina filial, deverá haver duas, três e mesmo cinco. O Senhor espera de nós muito neste tempo. Soou a hora de fazer ouvir o forte prego da mensagem, e nós, como obreiros e crentes, devemos levantar-nos como um só homem para cumprir o desejo de nosso Pai celestial.

Fizemos planos para a publicação de uma pequena revista dedicada aos obreiros leigos, cujo primeiro número aparecerá em julho do presente ano. Chamar-se-á ela "Ide", e trará incidentes, novos métodos para ganhar almas, bem como os programas sugestivos para as reu-

niões missionárias, além de outro material de interesse para todos os irmãos. Alguns oficiais de igreja receberão esta publicação gratuitamente, mas como queremos partilhar com todos o auxílio e inspiração que ela fornece, pomola ao alcance dos obreiros leigos por preço que trataremos seja o menor possível.

Também tomamos em consideração os jovens, e autorizamos a impressão de uma revista que auspiciará a obra de nossa juventude. Esta publicação aparecerá cinco vezes ao ano, sendo uma vez por trimestre e uma edição especial, dedicada à Semana de Oração dos jovens.

Decidimos celebrar o "Dia da Visita", dedicado aos nossos vizinhos e amigos, para ofertar-lhes o Evangelho. O dia 4 de junho será o "Dia da Visita" no território da Divisão Sul-americana. Desejamos animar os membros leigos a tomarem parte ativa no programa deste grande dia de evangelização. Proveremos folhetos especiais para este trabalho, e esperamos que dêle resulte grande bênção para o avançamento da obra de Deus em nossa Divisão.

Irmãos ministros, administradores e obreiros em geral: desejamo-vos um ano de êxito na obra do Senhor. Agradecemos-vos a colaboração passada, e rogamos a Deus que vos conceda todos os dias uma bênção especial proporcional às vossas necessidades.

Como, Que e Quem?

W. EARLE HILGERT

(Professor de Bíblia e Teologia Sistemática no SDA Theological Seminary)

E SAIU Caim de diante da face do Senhor, e habitou na terra de Nod, da banda do oriente do Eden. . . e êle edificou uma cidade." (Gên. 4:17.)

Caim apresenta-se como o primeiro representante de um homem que possui o que nós agora chamamos "saber fazer". Ressalta de sua experiência com Abel, que se vangloriou de suas realizações e não pôde conceber que outro o superasse.

Melhor que qualquer outro, Caim sabia fazer a terra produzir melhores colheitas, e depois da terrível experiência com Abel, quando saiu da presença do Senhor e Lhe deu as costas, determinou-se a mostrar que possuía grau mais elevado de sapiência. Soube organizar, soube construir a primeira cidade de que possuímos registro na história da humanidade. Em nosso mundo de 1955, Caim ter-se-ia sentido perfeitamente à vontade.

Com que frequência ouvimos a expressão: Saber fazer! Ela não é muito bela nem muito precisa. É uma espécie de mestiça híbrida que representa um vago sentimento de superioridade sentido por nossa geração sobre os que a precederam, e às vezes penso até que mesmo nós, adventistas do sétimo dia, que cremos numa "cidade que tem fundamentos, e cujo artífice e construtor é Deus", e por ela esperamos — mesmo nós, algumas vezes somos tentados a cair numa espécie de engano acêrca do calendário pois sentimos que nosso avô não andava em automóvel nem jamais viu um dêles; porque nossa avó lavava roupa sobre uma tábua, dentro do tanque, e nunca ouviu rádio, não viu televisão, nem se maravilhou com a vista de um aeroplano; ambos não foram tão espertos quanto nós;

e, um passo adiante — que de algum modo êles não foram tão bons quanto nós somos; que de alguma forma Deus nos tem abençoado a nós mais do que a quaisquer outras pessoas, com a concessão de muitas coisas materiais. Podemos esquecer que êles nunca tremeram ante o pensamento das bombas atômicas. Mas mesmo nesse sentido, sabemos construir grandes bombas. E contanto que paguemos os impostos, construí-las-emos em quantidade maior do que o fazem os nossos semelhantes, e estaremos garantidos — sabemos fazê-las. E com o que sobre podemos prover-nos de comodidades materiais, e a vida pode ser-nos agradável — com uma entrada reduzida e prestações módicas.

É a velha, velha história de confundir os meios de produção com o bem que alguém espera vir a fazer. E num olhar restropectivo para o tempo de Caim, vemos que seus descendentes adotaram a filosofia de vida que êle preconizou. Lembrai-vos de que havia aquela família extraordinária do músico Jubal "pai de todos os que tocam harpa e órgão", e Tubal-Caim, o homem que, mais que ninguém, sabia fazer maiores e melhores curiosidades. Eram gênios. Eram peritos em artes e ofícios.

Havia, também, o seu pai, Lamec, homem conhecido por três coisas no começo da história do mundo. Tanto quanto sabemos, foi êle o primeiro homem a desfazer os laços de família e introduzir a poligamia. Foi o segundo homem, pelo que sabemos dos nossos registros, a cometer assassinio. Foi, também, pessoa que sabia, depois de cometer essa ação, compor um poema a seu respeito. Esse era Lamec, homem que exemplificou essa filosofia de vida, homem forte, artista, literato, no verdadeiro sentido

da palavra, disposto a romper com a organização social do seu tempo; sem, entretanto, ser homem bom, mas homem que, com sua família, exemplificava a filosofia de vida que seu antepassado Caim iniciara; homem que, com sua família, representa a espécie de mundo de que Deus afinal disse haver-Se arrependido de ter feito, e o destruiu. Mas eles sabiam fazer.

Enoc — Um Contraste

Havia também Enoc, o sétimo depois de Adão. E sabeis que, ao contarmos as gerações de Adão, nos descendentes de Caim, de Set, afigura-se-nos que Enoc e Lamec foram contemporâneos. É-nos dito que “Enoc andou com Deus... trezentos anos, ... e... Deus o tomou.” Não nos é dito, porém, que Enoc foi grande inventor. Não há menção de haver sido homem de artes e letras. Tanto quanto sabemos, Enoc não se salientou em saber fazer, mas possuía qualidades mais importantes — Enoc sabia a respeito do *que*; Enoc sabia a respeito de *quem*. O profeta Judas, muitos séculos depois de Enoc, diz-nos o que Enoc sabia: “E destes profetizou também Enoc, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de Seus santos; para fazer juízo contra todos e condenar dentre eles todos os ímpios, por todas as suas obras de impiedade que impiamente cometeram, e por todas as duras palavras que ímpios pecadores disseram contra Ele.” (Vs. 14 e 15).

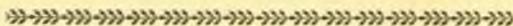
Ao olharmos para Lamec e seu grupo vemos o reflexo do mundo em que Enoc estava testemunhando de Deus, bem como aquele andar diário de Enoc com Deus. Durante mais de 100.000 dias, andou Enoc com Deus. Dia a dia, embora Enoc vivesse no mundo em que estava, formou e desenvolveu o caráter pio tal que o

Senhor Deus finalmente o retirou deste mundo ímpio diretamente para as côrtes da glória. Enoc sabia o *que* e conhecia *quem*.

Outro homem que sabia o *que*, foi Jó. Lembrai-vos de como se sentou sobre a cinza, sofrendo de maneira indizível fisicamente, e talvez ainda mais mentalmente, com seus três amigos a inquirirem-no dia a dia, dizendo: “Certamente você procedeu de maneira terrível, para que Deus o trate desta forma,” e a própria esposa foi ter com êle, dizendo-lhe: “Amaldiçoa a Deus, e morre!” Não havia no mundo pessoa alguma que compreendesse a sua situação, ninguém que dêle se compadecesse. Doía-lhe o corpo todo. Não obstante, em meio de tudo, Jó conhecia *quem*. “Eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim Se levantará sobre a Terra: e depois de consumida a minha pele, ainda [e podeis perceber um sorriso de confiança na face de Jó] em minha carne verei a Deus” (Jó 19:25 e 26).

Outro homem, o apóstolo Paulo, conhecia *quem*. Ao estar sentado naquele velho calabouço romano, após anos de prisão, tendo atrás de si o trabalho de sua vida, e com nenhuma outra perspectiva futura além da morte pelo martírio, foi-lhe possível escrever ao amigo mais querido: “Não me envergonho, porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia” (II Tim. 1:12). O apóstolo Paulo conhecia *quem*.

Possamos nós viver num mundo que mede suas normas pelo materialismo, um mundo em que a medida de todas as coisas, quase se diria, é saber fazer — possamos, como Enoc, que viveu num mundo idêntico, e Jó, e o apóstolo Paulo, saber em *quem* temos crido, e que é poderoso para guardar até aquele dia, o que a Ele confiamos.



CONJUGAÇÃO DE ESFORÇOS NA VIDA

ARTUR L. BIETZ

(Membro da Associação Médica Americana de Psicologia, Professor de Cristianismo Aplicado, no Colégio de Evangelistas Médicos, Pastor da Igreja White Memorial)

CAPÍTULO IV

Uma Sã Filosofia de Vida

“OH! O que você crê não me interessa absolutamente! Só me interessa o que a gente faz; não o que crê,” declaram muitas pessoas modernas. Tempo houve em que as crenças eram consideradas de grande importância. Os seres humanos estavam dispostos a por elas morrer. A história cristã dá testemunho de que, no passado, a humanidade atribua grande importância a seus ideais e convicções.

Em anos recentes, fomos rudemente sacudidos por uma nova ideologia que se está propagando pelo mundo. Esta crença modifica inteiramente a atitude dos homens, e muitos estão dispostos a por ela sacrificar a vida. A filosofia materialista de Carlos Marx — a que nos referimos — opõe-se aos ideais básicos da religião cristã.

Têm importância as crenças? Estamos começando a convencer-nos de que a têm. Empregam-se milhões de dólares em modernos métodos de propaganda, porque compreendemos

que, conquanto possamos vencer uma guerra pela força das armas, é possível, também, perder a paz, se os homens se opõem às crenças básicas sobre que se funda a nossa maneira de viver.

Embora seja um axioma que a natureza sente horror ao vácuo, os homens são suficientemente néscios para crer que a mente vazia pode permanecer sã. Nossa democracia é o resultado dos ideais das religiões hebréia e cristã que a precederam. Não se poderia repudiar os ideais sobre que está alicerçada a democracia, sem repudiar a própria liberdade. Uma flor não pode ser arrancada sem ser destruída.

Alguém me disse, certa vez: “Unir-me-ei à igreja de Los Angeles, onde cada membro tem a liberdade de crer exatamente como quer.” Muitos estão agora procedendo dessa maneira, mas tão néscia atitude nunca poderá fortalecer o indivíduo nem a igreja cristã. O que o homem crê hoje se evidenciará provavelmente

em seu procedimento de amanhã. Bastaria considerar as teorias de Carlos Marx para notar que tiveram influência na vida dos homens em toda a Terra. Poderá dizer alguma pessoa inteligente que o que o homem crê não tem importância?

Demasiadas pessoas ignoram por que vivem e têm escassa noção do propósito de sua existência. Por não conhecerem o porquê da vida, tiram dela pouco proveito. Notável produtor de Hollywood, por ocasião de uma enfermidade, mandou-me chamar ao seu quarto, no hospital, e me disse: "Tenho escutado as suas mensagens através do rádio do hospital. Desejo falar-lhe de alguma coisa que me preocupa. Que pensa o senhor, realmente, acerca da vida? Quero saber para que estou vivendo." Esta declaração pode, para alguns, parecer jocosa mas apresenta uma necessidade básica de nosso tempo.

Perguntam alguns: "Como é possível que homens inteligentes se tornem comunistas?" A resposta é clara. Quanto mais inteligente é a pessoa, mais obrigada se sente a dar uma significação para o mundo em que vive. Se não aceitar o conceito cristão do mundo, será um candidato para outra doutrina qualquer. O homem necessita de uma filosofia em que fundamentar as antagonísticas experiências da vida. Se não dispõe de uma filosofia, será uma vítima das circunstâncias. Um retardado mental não precisa preocupar-se por uma filosofia de vida, mas a pessoa inteligente deve tratar de compreender o significado do mundo em que vive. Deve entender qual seja a sua relação para com o Universo. Quem chega a compreender o porquê de sua vida, pode assombrar-se a si mesmo e a outros, por sua capacidade de suportar o desengano e o sofrimento. Uma fé impelente constrange os homens à realização das maiores proezas e façanhas. Sem crenças, os homens tornam-se criaturas impotentes, tímidas, que tanto temem a vida quanto a morte.

Ao falar da necessidade de uma fé, de uma filosofia de vida, e de compreender o significado de alguma coisa, entramos imediatamente no campo da religião. O cristianismo forneceu a milhões de pessoas a chave da vida e inspirou os pensamentos e as ações mais elevadas e nobres. A medida que as crenças religiosas têm perdido influência, os distúrbios emocionais e mentais ocuparam um lugar cada vez mais amplo na experiência do homem. As perturbações emocionais graves são amiúde resultado de que ao paciente falta uma compreensão do significado da própria vida. O papel que desempenham as crenças não pode ser negado com êxito nem mesmo pelos que não lhes querem admitir a importância. Os jovens de nossas escolas não sómente devem ser instruídos, informados com fatos, mas devem ser encaminhados para uma filosofia cristã, para que, por meio dela, saibam como usar corretamente essa informação. Os fatos não se mantêm sobre seus próprios pés; devem ser entretecidos na tela da teoria, antes de adquirirem qualquer significação.

Um professor liberal com quem eu estudei, me perguntou que atitude eu assumia quanto a certos fatos apresentados pelos teólogos modernistas. Disse-lhe que não aceitava essas declarações como fatos, porque aceito a fé dos modernistas. Têm eles uma fé que os leva à interpretação dos fatos da geologia com base nos postulados da evolução. O criacionista, pelo contrário, encontra na geologia evidências abundantes para provar o relato da criação. As pessoas de fé diferente interpretam de maneira diversa os fatos. Quem crê que pode viver apenas fundamentado em fatos, sem uma fé

ou filosofia básica, está-se enganando a si mesmo. É possível erguer uma parede torta com tijolos direitos.

Demasiado poucas pessoas sabem onde se encontram, porque lhes falta uma fé ou uma filosofia, por meio da qual julgar os fatos. Uma representação gráfica dessas pessoas produziria um homem encarapitado numa parede, indeciso de saltar, quer para um quer para outro lado. São como aquele homem que, logo após haver lido a história dos primitivos cristãos que perderam a vida por não abjurar a sua fé, declarou: "Creio que eu teria podido fazer uma declaração que satisfizesse ambas as partes."

O homem moderno, depois de tentar fazer declarações que a todos satisficam, descobre que não se encontra nem com Deus nem com os homens. É uma tábua sacudida de um para outro lado pelas oscilantes ondas do mar.

Uma filosofia cristã de vida favorece as relações entre os seres humanos. Origina uma humildade que prepara as pessoas para fazerem frente à verdade quanto a si mesmas. A fé, a esperança e o amor constituem o plano por cujo meio podem suprir-se satisfatoriamente todas as necessidades da vida. O cristianismo oferece uma forma de segurança que protege o indivíduo contra as diversas espécies de desordens emocionais e mentais.

Ao mencionarmos o valor que o cristianismo tem para a conservação da saúde, ouvimos que muitos objetam, dizendo que há muitas pessoas que possuem firme crença religiosa e, não obstante, padecem de distúrbios emocionais e mentais. Isto, naturalmente, é verdade. Insistimos, porém, em que o cristianismo não é a sua causa mas, em realidade, é um dos mais poderosos meios de prevenir e curar essas desordens. As doutrinas cristãs constituem-se em elemento restaurador de forças para alcançar a vitória sobre uma personalidade ameaçada pelos diversos distúrbios emocionais, e não a causa da própria desordem. Devemos estabelecer distinção entre a experiência religiosa completa, e a incompleta. Ao realizar um estudo entre um grande grupo de pacientes achados de enfermidades mentais, que haviam sofrido grandes desilusões no tocante aos seus conceitos religiosos, descobriu-se que esses pacientes haviam utilizado a religião para colocarem-se a si próprios no centro da vida, em lugar de Deus. Usaram a Deus como menino de recados, ao passo que eles permaneceram no centro do universo. Seu universo não era maior que eles próprios e, para eles, Deus era alguma coisa já alcançada. Não seguiram o conselho de Miquéias, de andarem humildemente com Deus. Dir-se-ia que o chamado "cristão" que permanece no centro do universo, recebe muito escassa ajuda de seus conceitos ou crenças religiosas.

Os médicos estão compreendendo que, a fim de ministrarem aos pacientes o cuidado e o tratamento convenientes, devem tomar em consideração suas crenças. Estão eles chamando a atenção para a importância de uma filosofia de vida com base num ponto de vista puramente prático. As crenças do homem lhe acrescentam à vida qualidade e valor. O estudo dessas crenças no que se relacionam com a saúde, torna-se mais importante por se haver descoberto que afeta a longevidade dos indivíduos.

Se os homens não vivem segundo um grande sistema de valores e ideais, em que se diferenciarão dos animais, que vivem unicamente para satisfazer suas necessidades fisiológicas? As pessoas a quem faltam as crenças se tornam dóceis, lascivas, sentimentais e violentas. Vivem unicamente para o prazer sensual. Passam a vida dentro de fábricas superlotadas, em meio a espetáculos atléticos e filmes vul-

gares. Observam o veloz movimento do mundo sem nenhum sentido de valorização. Vivem por êle fascinados, como o gato intrigado com a imagem que vê no cinescópio da televisão, sem compreender o que está acontecendo. Essa inteligência chega a ser puramente rudimentar e não pode, em verdade, ser chamada inteligência, da mesma maneira que a adaptação física dos animais não pode ser considerada inteligência.

A maior necessidade dos jovens de hoje é possuir uma filosofia unificada de vida, com base nas crenças e ensinamentos cristãos. Como pode viver um jovem que tenha em vista um propósito definido, se não discerne entre o bem e o mal? Pode uma vida ser edificada sobre algo de menor valor que as grandes verdades?

A mais abrangente de todas as possíveis filosofias de vida se acha nos ensinamentos de Jesus Cristo. A pessoa que haja experimentado um despertamento espiritual genuíno com base na verdade cristã, não poderá esquecê-lo, porque tais crenças e experiências constituirão o centro de todos os seus pensamentos e desejos. A pessoa que possui visão cristã ampla, poderá suportar nobremente as duras realidades da vida, posto que a função unificadora de sua fé propende para a saúde da mente e do físico.

Não pode alcançar-se a liberdade sem crenças, porém ela nos vêm nos moldes de uma fé verdadeira. A liberdade jamais poderá sobreviver se a vida carece de significado. Se alguém quer manejar livremente as palavras, deve prestar atenção às definições que lhes dá o dicionário. Não é possível desprezar o dicionário e conseguir desembaraço no uso das palavras.

Não pode o médico ter liberdade na prática da medicina, a menos que se apege às verdades da medicina e da fisiologia. O músico é livre somente quando se atém às leis que governam a música. A mãe é livre com seus filhos e com as restrições que eles lhe impõem; separai-a dos filhos, e não mais será livre nem feliz. Um bom cozinheiro só é livre na cozinha quando segue as prescrições das receitas. Sem elas não experimentará verdadeira liberdade em seu ofício. A liberdade para o homem baseia-se em que a vida tenha sentido, e sem êle, nada vale.

Muitos concordam em que é necessária uma filosofia de vida para alcançar a felicidade, e preocupam-se em alto grau quanto à natureza dessa filosofia. Assim deve ser. Há quem mantenha crenças que permitem a plena expressão de seus impulsos naturais, ao passo que outros sustentam um rígido autoritarismo. As enfermidades mentais e emocionais são o resultado de ambos os extremismos. Pode o homem ser tão rígido que se destrua a si próprio, ou tão liberal que se desintegre. O excesso de liberdade enlouquece a pessoa, e demasiada autoridade pode conduzir ao mesmo fim. Na verdadeira filosofia de vida deve existir equilíbrio adequado entre a autoridade e a livre expressão: A gente rapidamente se desintegra na moral, quando faz o que lhe apraz.

Um jovem expressou o anelo de que sua vida tivesse significado.

— Mestre, disse, temos que fazer hoje exatamente o que desejamos?

Os pais e professores desprovidos de um plano de ação, logo farão que as crianças se convertam em psiconeuróticas.

Algumas pessoas vivem constantemente preocupadas quanto a si próprias, razão porque sua vida não tem significado. Um jovem, empenhado em fazer uma campanha pré-eleitoral na vizinhança, achou-se diante da porta de

uma senhora obstinada e firme. Ela lhe perguntou breve e secamente:

— Que deseja?

— Está em casa o Sr. Jennings? perguntou timidamente o moço.

— Que quer com êle? foi a arrogante resposta.

— Bem, desejo saber a que partido político pertence, tartamudeou o jovem.

A senhora, pondo ambas as mãos na cintura, lhe responde:

— Olhe, bem para mim, jovem, eu sou o partido a que êle pertence.

Podemos imaginar a dificuldade dessa senhora em lidar consigo própria e com o espôso.

Uma filosofia plena de significado outorga propósito e significado à vida. Sem ela, nossa existência tende a converter-se em um trágico e inútil episódio. A geração que desconhece sua necessidade de crenças, condena-se a si própria à ansiedade e ao desassossego. Os convencidos da atualidade declaram que o crer ou não crer pouco importa, posto que o procedimento é o importante. Este raciocínio pode ser comparado à conclusão de que, afinal de contas, as vacas não importam tanto, mas o que nos deve preocupar é a qualidade do leite. A verdade é que êste não durará muito tempo se aquelas forem descuidadas.

Algumas pessoas vivem na penumbra da religião dos pais. Ao dissipar-se essa penumbra, ficam em escuridão completa, a menos que façam dos ideais vitais de seus pais uma parte de sua própria existência.

Tomás Carlyle tinha razão ao dizer: "Aquilo em que o homem crê praticamente; aquilo em que põe praticamente o coração e que conhece com certeza, no tocante às suas relações vitais com êste misterioso universo, e seu dever e destino aqui, constitui em todos os casos o fundamental para êle, e determina criadoramente a base de toda a sua vida."

Já há muito, declararam as Escrituras: "Onde não há visão, o povo fica dissoluto." (Versão Trinitarian.) Isto pode demonstrar-se cientificamente. Em resultado de haver-se dissipado a visão, há confusão em nosso redor. Como podem estar concordes os homens quanto a alguns pormenores de procedimento e ação diários, se não se podem harmonizar quanto ao propósito da existência dêste mundo? O homem que exerce domínio próprio, possui grande fé e convicção. Está preparado para ver as coisas pelo prisma da eternidade. Tal pessoa não pode ser lançada ao desespero com cada mudança de circunstâncias.

Alguns modernistas negam a atualidade da verdade, por esta lhes reprovar a vida de indiferença. A negação da verdade conduz à corrupção e imoralidade na sociedade. A *conveniência* torna-se uma senha. Tudo serve, se convém. Quando um grupo de cadetes de West Point foi surpreendido a colar em exame, reconheceu-se que êsse ato significava o eclipse de uma série de valores fundamentais. A cola, não é nada novo, pois muitos sucumbiram à tentação em momento de dificuldade. Não obstante, quando noventa homens concordam entre si para um procedimento tal, e o defendem, encontramos-nos perante algo novo na ordem da desintegração moral. Um dos cadetes defendeu seu procedimento declarando que a aprovação do grupo tinha para êle importância muito maior do que tudo quanto se dissesse acêrca do correto e do errado. Esta é uma prova de que os ideais haviam sido demolidos.

Legítima preocupação deveria apoderar-se de todos se o juiz da Corte Suprema anunciasse que as normas que nos permitem distinguir o bem do mal já não mais têm valor algum.

Em Times, de 23 de junho de 1951, é dito que o juiz norte-americano, Fred. M. Vinson, pronunciou as palavras seguintes: "Nada há mais certo na sociedade moderna do que o fato de não haver valores absolutos." Parece estranho que para o juiz Vinson houvesse passado despercebida a contradição que se descobre em sua declaração, pois se nada é certo nem absoluto, ninguém poderia ler-lhe a mensagem sem que o embargasse a dúvida e o cepticismo. Não é de estranhar que com tais princípios os faltos de visão e os interessados tenham tanta influência em alguns governos. E se não há valores absolutos, no âmbito da moral, sobre que se fundamentarão as leis da justiça?

Muita ansiedade que impera hoje em dia, é resultante direta do instável sistema de valores que foi dado contemplar no passado. Quando são ameaçadas as bases sobre que assentam nossa cultura, que outra coisa pode fazer-se além de sentir ansiedade? Dos milhares que se acham mental e emocionalmente enfermos, o denominador comum mais freqüente bem pode ser a carência de um ideal digno, de um propósito na vida. Como poderia uma vida tal alcançar ricas satisfações?

Muitos se afastam de Deus e imediatamente atribuem a seres humanos qualidades divinas. O médico, o psicólogo, o psiquiatra se convertem, às vezes, em deuses à vista do paciente.

Uma sã filosofia de vida torna supremo o amor. Muitos se inspiram mais facilmente por suas inimizades e ódios, do que por seu amor. O amor é fonte de saúde, ao passo que o ódio a destrói. Há somente duas forças no mundo: a do amor e a do ódio. Muitas amizades alicerçam-se sobre o ódio, como no caso das duas mulheres que se sentiam muito bem juntas por "haverem descoberto que odiavam as mesmas pessoas."

Uma mulher que fôra mordida por um cão hidrófobo foi advertida pelo médico de que a mordedura poderia ser-lhe fatal.

—Convém que a senhora faça testamento, sugeriu-lhe êle.

A mulher estêve longo tempo atarefada com pena e papel. Por fim, o médico comentou:

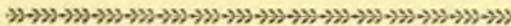
—Será um testamento longo, não é assim?

—Testamento! respondeu àgricamente a paciente, estou fazendo uma lista das pessoas a quem irei morder antes de morrer.

Além do amor, deve haver a compreensão de que todo ser humano é um filho de Deus. O cristianismo concedeu dignidade à vida humana. Uma filosofia sã inclui também fé na vida futura. Provavelmente se poderia comprovar que os homens e as mulheres que mais fizeram em prol da humanidade foram os que crearam mais seriamente na vida futura.

Muito belo é saber que aqui estamos com algum motivo. A não ser assim, a vida perde sua razão de ser, seu sentido.

As vidas grandes fazem-se em volta de grandes significados e convicções. A vida foi criada para o mais nobre e elevado propósito. Se êsse fôr o nosso objetivo, deve a vida ser dedicada a um propósito que supere a si mesma. Os que tratam unicamente de preservar a vida são incapazes de penetrar os desígnios de Deus. Quem salvar a sua vida, perdê-la-á; ao passo que quem a perder, num ato de devoção cheio de significado, salvá-la-á. Atentai para os ideais que professais. Permitti que êsses ideais sejam dinâmicos e se desenvolvam. Não façamos dêles uma via de escape da vida, mas de investigação e progresso. Unicamente desta maneira poderemos ter a segurança da direção divina, que será alcançada por meio de crescente comunhão pessoal.



O Anticristo na História e na Profecia - II

Por FRANK H. YOST

A Evolução do Papado

DIVERSOS passos podem ser notados no surgimento do poderio da Igreja Romana, apesar de que pareçam misteriosos e tenham sido dirigidos por Satanás, como sabemos que ocorreu. Alguns dêsses passos foram situações suscitadas e intensificadas por um papado consciente de seu crescente poderio. Outros, foram oportunidades astutamente aproveitadas.

1. A Igreja localizada na capital política do Império.

A mesma circunstância de que a Igreja de Roma estivera localizada na capital do grande império, e, conseqüentemente, no centro da vida política, presta ampla base aos começos da Igreja Romana. Tudo quanto de Roma procedia, era importante. As opiniões religiosas precedentes da respeitável Igreja de Roma, eram escutadas por tôdas as suas irmãs.

2. A carta de Clemente aos Coríntios.

Clemente, dirigente da Igreja de Roma, no ano 96 AD, escreveu uma carta à Igreja de Coríntio (1).

Os membros da Igreja de Coríntio tinham

dificuldades com a eleição de seus dirigentes, e Clemente lhes escreveu de Roma uma carta de bondosa admoestação, em que lhes aconselhava a tratarem de apaziguar suas dificuldades internas. O fato de que Clemente Romano haja escrito esta carta a uma igreja localizada fora de sua jurisdição geográfica normal, empregam-no os defensores do papado para destacar a primitiva autoridade de Roma, embora Clemente demonstre que não sente essa autoridade. O certo é, porém, que as igrejas escutaram a voz de Roma.

3. A sucessão apostólica aplicada a Roma

Isto é aclarado por Ireneu, valoroso dirigente da igreja em tempos de perseguição, bispo das igrejas da Gália (França) e prolífico escritor contra as heresias. O título de sua obra mais conhecida é "Adversus Haereses," (Contra os Hereses), escrita antes do ano 200 AD.

Ireneu resolveu o problema de onde podia en-

(1) Clemente, "Primeira Epistola aos Coríntios", cap. 45, par. 5; cap. 47, par. 6, em LCL, "Ora Pais Apostólicas," Vol. I, págs. 86, 87, 90 e 91.

contrar-se a verdade cristã para combater os herejes de seus dias, destacando a circunstância de que Jesus tinha a verdade e havia transmitido esse conjunto de verdades aos Seus discípulos, os apóstolos, que fundaram igrejas por todo o mundo e transmitiram o conhecimento da verdade que haviam recebido de Cristo, aos bispos que haviam sido escolhidos para substituí-los. Estes, por sua vez, transmitiram o conjunto da verdade sagrada aos bispos que os sucederam. Portanto, se alguém desejava saber se realmente possuía a verdade e não uma heresia, deveria apelar para os bispos das igrejas fundadas pelos apóstolos. De todas as igrejas conhecidas na cristandade, como verdadeiramente ortodoxas e mais dignas de confiança para serem consultadas, Ireneu mencionou especialmente Éfeso, onde atuou o apóstolo João; Esmirna, onde seu próprio guia, Policarpo, discípulo de João, fora bispo; e Roma, cidade a que, segundo Ireneu, todos iam para receber as ordens sagradas (2).

Note-se o que Ireneu fez, ao assumir esta posição; 1) Pôs a Igreja de Roma em posição de suprema consideração; 2) pôs os fundamentos da teoria da sucessão apostólica; 3) ao deixar de referir-se à autoridade das Escrituras e, em seu lugar, colocar a dos bispos apostólicos, pôs os fundamentos da autoridade da tradição.

Em realidade, como notamos já, um contemporâneo de Ireneu, no Ocidente, Tertuliano, chegou a declarar francamente que as Escrituras não bastavam para combater a heresia, e que deveria usar-se também a tradição (3). Tertuliano defendeu a validade desta, ao assinalar como as igrejas de sua época observavam práticas não autorizadas pelas Escrituras, mas somente pela tradição. Deu como exemplo cerimônias especiais relacionadas com o batismo; a distribuição dos emblemas da Ceia do Senhor só pelo ancião presidente; as ofertas feitas em memória dos mortos no aniversário do seu martírio; a proibição de jejuar ou de ajoelhar-se no dia do Senhor; a Páscoa e o Pentecostes; o cuidado de que não fossem derramados os emblemas; e o sinal da cruz (4). Isto ocorreu no ano 225 AD. Deste modo, em época tão temporária, foi pôsto um fundamento, por débil que haja sido, no ensino cristão, para as pretensões apostólicas e tradicionais do papado.

4. As excomunhões de Vítor

Roma apresentou bem cedo sua pretensão de hegemonia na igreja. Já vimos uma ilustração disto na audaciosa tentativa do papa Vítor I, no ano 200 AD, aproximadamente, de excomungar todos os bispos que não quisessem seguir Roma na honra prestada ao domingo, como dia da ressurreição. É-nos dito que Vítor foi combatido nisso por vários bispos, tais como Ireneu, que pensou não ser essa a maneira apropriada de tratar esse assunto, e por outros que se recusaram a seguir as imposições do papa no tocante ao domingo (5). Não nos são revelados os motivos que impulsionaram a Vítor. Isto deu claramente impulso à defesa que Roma fez da observância do domingo e firmou suas pretensões de supremacia sobre as demais igrejas.

5. A teoria do primado de Pedro

Para todo este engrandecimento do papado devia haver apoio teológico nas Escrituras. Este foi provido pelo papa Calixto, no ano 220 AD. Formulou ele a teoria do primado de Pedro, isto é, a teoria de que quando Cristo disse: "Tu és Pedro [Petros], e sobre esta pedra [Petra] edificarei Minha igreja" (S. Mat. 16:18) (6), quis dizer que a igreja que Pedro fundou: Roma, seria o fundamento e a pedra an-

gular da Igreja. Essa teoria venceu facilmente. Embora rebatida por Tertuliano (7) e posta em discussão por Cipriano (8), converteu-se no princípio teológico básico mais útil para contribuir para o erguimento do papado.

As Escrituras não apresentam a Pedro como o fundador da Igreja de Cristo. Nos Evangelhos, Pedro é um discípulo impulsivo, excêntrico, nem sempre digno de confiança, e, embora pertencente ao círculo dos amigos mais íntimos de Cristo (S. Mat. 4:18-22; S. Mar. 1:16-20; S. Luc. 5:1-11; S. Mar. 5:35-43; S. Luc. 8:49-56; S. Mat. 17:1-13; S. Mar. 9:2-13; S. Luc. 9:28-36; S. Mat. 26:36-46; S. Mar. 14:32-42; S. Luc. 22:39-46), negou seu Mestre quando Ele mais necessitava de uma palavra e de um olhar leais. (S. Mat. 26:69-75; S. Mar. 14:66-72; S. Luc. 22:54-62; S. João 18:15-27). Cristo orou pela conversão dele e lhe pediu que fortalecesse os irmãos (S. Luc. 22:32) e apascentasse as ovelhas do Senhor (S. João 21:15-17). Pedro foi membro ativo do grupo dos apóstolos, que nos apresenta o livro dos Atos, e deu conselhos que os apóstolos consideraram conveniente aceitar (Atos 1:15-26), dirigiu o evangelismo (Atos 8:14-25), e enfrentou os problemas da nascente igreja (Atos 9:32 a 11:18). Jamais, porém, foi reconhecido como a pedra angular da novel igreja.

Pedro não foi a rocha sobre que foi erigida a Igreja de Cristo. Cristo é a Rocha, tanto no Velho como no Novo Testamentos (Dan. 2:34, 44 e 45; S. Mat. 22:42-44; I Cor. 10:4). Só Ele é o fundamento (I Cor. 13:9-13), a pedra angular sobre que os apóstolos e profetas do Novo Testamento erigiram o sagrado edifício, o templo de Cristo. (Efé. 2:19-22). O próprio Pedro se considerou apenas uma das pedras vivas empregadas nesse templo que, por sua vez, está alicerçado sobre Cristo (I S. Ped. 2:4-8).

Mas, pela debilidade histórica e exegetica da teoria do primado de Pedro, a tradição precisou mantê-la, graças a histórias inventadas acerca de Pedro no Tibre. Alguns "Atos" (9) e "Agradecimentos" (10) fictícios apresentam a Pedro viajando pela cidade de Roma e seus arredores em animada atividade evangélica, amparada pela autoridade eclesíástica. A mais clara tradição aparece em um documento histórico, mais ou menos respeitável, o "Chronicon" de Eusébio, historiador da igreja, perdido em sua forma original, mas que se conserva em uma "Continuação" escrita por Jerônimo, célebre monge e tradutor das Escrituras, pertencentes à quarta centúria. Nêle se estabelece, por volta do ano 44 AD, que Pedro esteve 25 anos pregando em Roma (11).

Preciso é reconhecer que Pedro esteve em

(2) Ireneu, "Adversus Haereses," livro III, cap. 3, pars. 1-4, em PAN, Vol. I, págs. 415 e 416.

(3) Tertuliano, "Prescrições Contra os Herejes," cap. 19, em PAN, Vol. II, pag. 251.

(4) Tertuliano, "The Chaplet," caps. 3 e 4, em PAN, Vol. III, págs. 94 e 95; "O Conflito dos Séculos," págs. 446-448.

(5) Ireneu de Gália, em PNP, par. 12, pag. 243.

(6) "O Desejado de Todas as Nações," págs. 308-315.

(7) "Acêrca da Modéstia," cap. 21, em PAN, Vol. IV, págs. 99 e 100.

(8) Epístola 26 (33 em Ed. Oxford), cap. 1 e 68 (66 em Ed. Oxford), cap. 8, em PAN, Vol. V, págs. 305 e 374, onde explica a teoria do primado de Pedro não a Roma unicamente, mas a toda a Igreja.

(9) "Os Atos dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo," "Os Atos de Pedro e André," em PAN, Vol. VIII.

(10) "Agradecimentos de Clemente," e as "Homílias Clementinas," em PAN, Vol. VIII.

(11) Eusébio, "Chronicon," em "Continuatio" de Jerônimo, ano 44, em Migné, "Patrologia Latina," Vol. XXVII, col. 450.

Roma pelo menos uma vez quando foi martirizado, aproximadamente no ano 68 AD, (12). Mas a declaração consignada no "Chronicon", é impossível de aceitar-se. Pedro esteve em Jerusalém na época da ascensão de Cristo e do derramamento do Espírito, ocorrido no ano 31 AD. (Atos 7:54-60; 8:38). Permaneceu ali por alguns anos e indubitavelmente estava em Jerusalém quando Estêvão foi apedrejado, no ano 34 AD (Atos 7:54-60; 8:1), lugar que abandonou pouco depois a instâncias dos apóstolos, para unir-se, em Samaria, a Filipe, o diácono evangelista (Atos 9:32 e 11:8). A próxima referência que dele temos, apresenta-o em prisão, durante o reinado de Herodes Agripa I, da qual foi libertado por um anjo, justamente antes da morte de Herodes, que, segundo o registo, ocorreu no ano 44 AD (13). Se o "Chronicon" dissesse a verdade, Pedro deve ter-se trasladado para Roma imediatamente depois disto e permanecido ali os próximos 25 anos, até o seu martírio.

Estêve presente, porém, no concílio de Jerusalém, celebrado nos anos 49-50 AD (Atos 15: 7-11), e em Antioquia da Síria algum tempo depois, simulando no assunto da comida com os gentios, fingimento que Paulo "resistiu na cara." (Gál. 2:6-21.) Por certo tempo, provavelmente depois disto, evangelizou certas cidades da região da Ásia Menor, pois dali dirigiu a sua primeira epístola aos conversos. (I S. Ped. 1:1.)

Pedro, pois, não serviu durante 25 anos consecutivos em Roma. No melhor dos casos só pôde haver feito visitas intermitentes durante um período de 25 anos, se é que assim foi. Paulo insinua que, como é próprio, Pedro fôsse itinerante. (I Cor. 9:5.)

Não há prova de que Pedro tenha fundado a Igreja de Roma. Existem razões bíblicas para pensar que não foi assim. Paulo declarou que ele não evangelizava zonas já visitadas por outros apóstolos (Rom. 15:20). Isso teria mantido a Paulo afastado de Roma, se Pedro a houvesse evangelizado. Mas aquêle escreveu à igreja de Roma uma epístola, a mais meditada e teologicamente sistemática que haja escrito, e falou definitivamente de seus planos de visitar a referida igreja. Não teria ele feito semelhante coisa se a igreja de Roma houvesse estado sob a jurisdição de Pedro. O mais provável é que esta igreja tenha sido fundada por judeus que, para Pentecostes, foram a Jerusalém em peregrinação, no ano 31 AD, e, havendo aceito o Senhor nessa ocasião (Atos 2:10), voltaram a Roma com o gozo no coração do recém-encontrado Salvador, e iniciaram a nova igreja.

A teoria do primado de Pedro carece, pois, de fundamento histórico e exegetico.

6. O imperador Aureliano e o papa de Roma

Não obstante, o bispo de Roma já na terceira centúria foi reconhecido pelo imperador, e o que mais notável é, por um imperador pagão. As circunstâncias foram as seguintes:

O bispo Paulo de Somasota, Síria, acusado perante um concílio da igreja, foi destituído do cargo. Isto aconteceu por volta do ano 270 AD. Não queria ele, porém, renunciar aos proventos episcopais. De alguma maneira a discussão chegou aos bispos de Roma e da Itália, que decidiram sobre quem assumiria o cargo do episcopado (14).

Assim, mesmo antes de Constantino legalizar o cristianismo no império, a igreja de Roma havia alcançado posição de certa hegemonia no conceito dos cristãos, bem como no próprio império. Esta não muito significativa lei de Aureliano foi a primeira de uma série de regulamentos imperiais favoráveis ao papado, ca-

da um dos quais mais importante que o anterior.

7. Constantino e os bispos

Constantino foi o próximo imperador que honrou a igreja. Dois anos depois de sua coroação em Roma, no ano 313 AD, Constantino, com a provável cooperação forçada de Licínio, que com ele compartilhava o trono; promulgou o Edito de Milão (15). Como resultado deste decreto, a igreja deixou de ser uma religião ilegal (religião ilegal) e passou a gozar de absoluta liberdade para realizar sua obra. Em realidade tornou-se virtualmente um departamento do Estado. Os clérigos regozijavam-se além de toda medida em sua nova liberdade:

"Já o Sol sereno e límpido, não mais ocultado por nuvem alguma, iluminou com o esplendor da luz celestial as igrejas de Cristo, difundidas pelo orbe. Era lícito, mesmo para os estranhos à nossa religião, se não desfrutar conosco, pelo menos perceber alguma parte, e como eflúvio, daqueles bens que Deus nos outorgou." (16)

A legalização da igreja por Constantino foi provavelmente um dos acontecimentos mais significativos na história da mesma. A nova liberdade lhe custou caro, porém. Não somente induziu aos seguintes imperadores a professarem o cristianismo, mas também afixou grandemente a posição da igreja aos olhos dos habitantes do império e deu em resultado grande afluência de muitos que pensavam que, por unirem-se a ela, poderiam de alguma maneira beneficiar-se com os favores do imperador. Estes servís não refletiam em sua vida a do Nazareno, cujo nome professavam.

Ainda mais, Constantino e seus sucessores promulgaram uma série de decretos que garantiam os poderes dos bispos e os convertiam em funcionários do Governo romano para todo fim prático. (17)

Constantino eximiu os clérigos de tributos e de obrigações municipais onerosas. Ao declarar que os bispos eram melhores juizes que seus próprios funcionários (18), autorizou-os a dirigir audiências (19), função que desempenharam durante o reinado de vários imperadores.

Em realidade, ao chamar os bispos para ocuparem os cargos judiciais, o imperador não encontrou novicos inexperientes, mas administradores capazes, com uma experiência que remontava a dois séculos no tocante a audiências e a resolver pleitos. Jesus havia autorizado a igreja a julgar os pleitos suscitados entre os irmãos (S. Mat. 18:15-18). Paulo instruiu os cristãos querelantes a não recorrerem aos tri-

(12) "Os Atos dos Apóstolos," pág. 385.

(13) Este é um dado cronológico de grande importância, pois pode ser fixado com certeza no ano 44 A. D. O imperador Calígula morreu no ano 41 A. D., e foi sucedido por Cláudio. O recém-coroadado imperador constituiu Herodes Agripa sobre os territórios de seu avô, Herodes o Grande, e nomeou-o rei (Josefo, "Antiquidades Judaicas," livro 19, cap. 5, par. 1). Agripa morreu depois de reinar três anos, isto é, no ano 44 A. D. (Idem, cap. 8, par. 2).

(14) Eusébio, "História Eclesiástica," livro 7, cap. 30, pars. 18-20.

(15) Idem, livro 10, cap. 5, pars. 2-4; Lactancio "A Forma em que Morrimos os Perseguidores," cap. 48, em PAN, Vol. VII, pág. 320.

(16) Idem, livro 10, cap. 1, par. 8.

(17) "Codex Theodosianus," livro 16, Boyd "Ecclesiastical Edicts of the Theodosian Code."

(18) Eusébio, "Vida de Constantino," livro 4, cap. 27, em PAN, 2ª. série, Vol. I, pág. 547.

(19) "Codex Theodosianus," livro 1, tit. 27, par. 1, na ed. de Momsen, livro 1, pág. 62; e Idem, "Sirmonian Constitutions," livro 1, pág. 907.

bunais do mundo, mas à igreja para fazer justiça (I Cor. 6:1-6) (20). Uma fonte do século IV se refere a êsses julgamentos realizados nas igrejas (21). Os presbíteros, e finalmente os superintendentes, quando elevados à categoria de bispos monárquicos, deveriam presidir a essas audiências; pelo que os bispos, como classe, chegaram a ter grande experiência judicial.

No século V, tanto o bispo Agostinho de Hipona, África, como o patriarca João Crisóstomo, de Constantinopla, se queixaram amargamente do peso de suas cargas judiciais na igreja (22).

E foi aos bispos experimentados em assuntos judiciais a quem Constantino converteu em juizes públicos da heresia, e determinou que suas sentenças tivessem força de lei. Havia leis que especificavam quais eram as heresias dignas de condenação (23), e ainda designavam quais eram os bispos ortodoxos. (24) Assim se constituiu o fundamento da inquisição episcopal, precursora da papal.

Como consequência dêstes favores do imperador, os bispos participavam dos concílios locais do governo, e quando ruiu a administração civil no ocidente, como ocorreu efetivamente nos dois séculos subsequentes a Constantino, e os funcionários civis se viram obrigados a fugir para evitar os exorbitantes tributos confiscatórios, da ruína social e econômica, e de serem capturados pelas hordas dos saqueadores germanos (25), os bispos foram os únicos administradores experimentados e em condições de livrá-los. Ocasionalmente houve em que assumiram essas responsabilidades com avidez, mas mais a miúdo as aceitaram com desgosto. Lembremos que de todos os poderes que no Estado e na sociedade, desfrutaram os demais bispos, o de Roma deles gozou em maior grau, dado que era o mais importante.

8. O trono imperial traslada-se para Constantinopla

Isto chegou a ser particularmente certo para o papado quando Constantinopla, no ano 330 AD, trasladou sua capital para Bizâncio, no Bósforo, onde constituiu a nova cidade de Constantinopla (26).

A antiga cidade de Roma ficou privada de sua importância como capital; e o único grande funcionário que permaneceu em boa posição no uma vez orgulhoso centro que se erguia sobre o Tibre, foi o papa Silvestre I, bem como seus sucessores. O papado encheu rapidamente o vácuo formado pela migração da corte imperial em direção ao Oriente. No século XIX, um cardeal escreveu que, embora o testamento de Constantino, chamado "Doação de Constantino," seja reconhecido como fictício, o "princípio" real é que Constantino deixou a Silvestre e a seus sucessores um testamento como consequência de sua mudança.

"Mas desde o momento em que Constantino, nos termos da lei romana, [Dominicus Soto, de Potestate Ecclesiastica; Bibliotheca Pontificalis, Rocaberti, tomo 10, pág. 1361]. 'Deo Jobente' (Por ordem de Deus) trasladou a sede do império para Constantinopla, jamais reinou em Roma um príncipe temporal a quem os bispos de Roma devessem lealdade permanente. Desde essa hora o próprio Deus livrou a Sua igreja. [Soares, Oposcula, De Immunitate Ecclesiastica, livro 3, par. 3: 'Dicendum ergo est summum Pontificem ex divino jure habere exemptionem et immunitatem ab omni judicio ac jurisdictione saeculari etiam imperatorum et regnum.'] Desde o começo se viu envolvido nos princípios da soberania sobrenatural da Igreja na Terra, o fato de que um dia seria livre

de toda tutela temporal, embora ainda essa liberação não se houvesse cumprido. Davi tinha a promessa do reino de Israel; mas teve que esperar muito tempo. Jeroboão recebeu a promessa das dez tribos; mas foi usurpador, porque delas se apossou antes de tempo. A Igreja não seguiu o exemplo de Jeroboão, mas de Davi, cujo Filho é sua própria divina Cabeça. Esperou até ao tempo em que Deus mesmo haveria de romper suas ligaduras e livrá-la da sujeição dos poderes civis, e entronizá-la na posse de uma soberania temporal própria. [Os poderes temporais pertencem a todos os cristãos.] Portanto, no dia em que o primeiro imperador se afastou em direção do extremo oriente, abandonou Roma e a Itália; e a 'doação' de Constantino, como é chamada, não expressa um fato, mas um princípio. Constantino não firmou nenhum documento de doação; mas, de conformidade com a maneira de pensar e falar daquelas eras simples, representou o fato providencial da doação divina. Deus deu ao Vigário de Seu Filho, a posse da cidade em que trinta de Seus predecessores haviam selado seu testemunho com o próprio sangue.

A doação de Constantino consistiu no simples fato providencial de que partiu de Roma rumo a Constantinopla, impulsionado pelo próprio Deus. Seria longo deter-nos a enumerar os motivos por que Deus instigou o primeiro imperador cristão a abandonar sua soberania em Roma. Foram motivos de origem sobrenatural, e ele foi obediente a êsses impulsos. A doação foi de Deus, não do homem. Em épocas de mais simplicidade, supos-se que o documento fora transcrito em um pergaminho iluminado, selado, firmado e que jaz sobre o altar de São Pedro. Isto, como fábula, representa em forma notável o ato da divina Providência. Talvez em alguma história se terá lido que os imperadores da Grécia costumavam ainda reclamar a posse da Itália; que enviavam seus herarcas e seus exércitos a Ravena e Roma. Ter-se-á ouvido, também, que alguns reis de França pretendiam mais tarde a sua posse; que os imperadores de França, Pepino, o Breve, e Carlos Magno, reclamaram como suas Roma e a Itália. Tal é a história que o mundo escreve. Tais, porém, não são os fatos." (27)

9. O título de "Pontifex Maximus"

Houve imperadores estabelecidos quer em Ro-

(20) "Didajé," cap. 14, em LCL, "Os Pais Apostólicos," Vol. I, pars. 330 e 331.

(21) "Constituições dos Santos Apóstolos," livro 2, sec. 3, em PAN, Vol. VII, págs. 398-408.

(22) Agostinho, Epíst. 213, cap. 5, em PNP, 1ª série, Vol. I, pág. 570, João Crisóstomo, "Sobre o Sacerdócio," livro 3, cap. 17, em PNP, Vol. IX, pág. 58.

(23) "Codex Theodosianus," livro 16, tit. 5, pars. 5 e 6. T. Hodgkin, "Itália e Seus Invasores," Vol. II, pág. 551.

(24) Idem, livro 16, tit. 1, pars. 2 e 3.

(25) Salviano, "Sobre o Governo de Deus," livro 5, pars. 4 e 7.

(26) Sozomeno, "História Eclesiástica," livro 2, cap. 3, em PNP, 2ª série, Vol. II, págs. 259-261. Sócrates, "História Eclesiástica," livro 1, cap. 16, em PNP, 2ª série, Vol. II, págs. 20 e 22. Osório, "Sete Livros da História Contra os Pagãos," cap. 28. Sósimio, "História Romana, livro 2, cap. 30, em "Corpus Scriptorum Historiae Byzantiae."

(27) Henry Edward Manning, "The Temporal Power of the Vicar of Jesus Christ" (2ª. ed. 1862), págs. 11-13.

ma quer em Ravena ou Milão (28), entre os anos 330 e 476, mas os papas souberam alcançar vantagem em tempo de dificuldades em que os que ocupavam os tronos eram acossados muito além de toda medida com problemas demasiado complicados para eles, ou eram complacentes, ou indiferentes, ou simplesmente débeis.

Foi Graciano, que não se distinguia por sua força de caráter, quem abriu o caminho para que o papa se apoderasse de um título por êle próprio recusado. Pouco depois do ano 380 AD, o imperador, professo cristão, recusou, o antigo título pagão dos romanos, de "Pontifex Maximus" (29), que pertencera aos reis romanos das épocas passadas, e conferia dignidade de dirigente do culto do Estado, e, através de cônsules e imperadores, chegava até à quarta centúria (30).

Ao desistir Graciano do título, o papa Damaso, menos modesto, assumiu-o com a mesma avidez com que seus predecessores tratavam de adoderar-se dos cargos mais importantes da religião e da sociedade (31). A princípio foi aplicado aos papas como deferência, para desgosto de homens como Tertuliano (32). Agora o papa o usa como legítimo.

10. A facultade de apelar para o papado

O relato da extensão da influência papal primeiramente, e depois de seu controle sobre as igrejas que estavam além dos limites eclesiásticos próprios da Igreja Romana, e tão extenso que seria cansativo repeti-lo. Vimos que Clemente, superintendente de Roma, no fim da era apostólica, escreveu uma carta de bondosa admoestação à igreja de Coríntio, cujos membros eram muito dados a disputas (33). Fê-lo na prática de seu espírito de fraternidade; seus sucessores o julgaram uma manifestação de hegemonia. Uma centena de anos mais tarde, Vítor I, como se recordará, tratou de decapitar de um só golpe as igrejas que não houvessem honrado o domingo por ocasião do culto anual da Páscoa, escomungando os superintendentes recalcitrantes dessas igrejas. Não chegou, porém, à realização de seus designios devido aos protestos vigorosos de outros bispos favoráveis ao domingo (34); não obstante, seus sucessores usaram êste fato como ilustração de que o papa havia possuído sempre a *autoridade* de mandar nas igrejas.

Já no ano 270, AD, o papa Dionísio de Roma, corrigiu as opiniões teológicas de um bispo vizinho. O bispo Dionísio de Alexandria descreveu a filiação de Cristo em forma objetável para alguns clérigos. Chamaram êles a atenção do papa para essa declaração, e por protesto dêste, o bispo Dionísio retificou o seu conceito (35).

O concílio de Nicéia, no ano 325, em seu sexto cânon, concedeu a Roma, juntamente com outras grandes igrejas do oriente, a soberania em seu próprio território (36), o que foi virtualmente um reconhecimento eclesiástico da supremacia papal no ocidente. Declarou-se no concílio de Constantinopla, celebrado no ano 381, que essa cidade seguiria em importância unicamente a Roma. (37). A êsse concílio seguiu-se o de Calcedônia, no ano 451, em que foi reconhecida a autoridade e a dignidade da Igreja de Constantinopla, por nela se achar a sede do imperador, razão por que haveria de seguir em importância unicamente à igreja de Roma (38). O imperador Justiniano, de inclinação teológica, estabeleceu ao final de seu reinado, que Roma fôsse primeira, e Constantinopla segunda na hierarquia das sedes episcopais (39).

O concílio de Sardo, em 347, abandonado pela maior partes dos b'spos do oriente, na cul-

minância de uma acalorada disputa sobre o arianismo, votou que todo bispo sob acusação de heresia poderia apelar para o papa. Foi êle designado por nome: era o papa Juliano II (40); mas desde então, o papa pretendeu que êste voto implicava uma facultade de apelação extensiva a todos os papas.

A quinta centúria viu o papado intervindo nas controvérsias do norte da África, e em que, ao tomar partido no momento apropriado e junto ao mais queixoso, embora nem sempre mais justo, pôde estender o seu domínio nessa região, agitada tanto por guerras militares como por discussões teológicas (41). Os papas tomaram parte mais e mais nos assuntos civis, ao mesmo tempo em que aumentavam seu prestígio como guias eclesiásticos.

11. O decreto do imperador Graciano

Êste poderio aumentou graças a um decreto imperial, atribuído a Graciano, que, complacen-

(28) Charles Seignobos, "History of the Roman People," págs. 438 e 439: "As desgraças políticas do Estado foram, não obstante, em um sentido, a sorte da igreja, e especialmente do papado. Dificilmente se poderia falar com propriedade de um papado naquela época; tal idéia pertencia ainda ao futuro. Mas a semente do enorme poder dos bispos de Roma, já estava germinando. E ao passo que Roma declinava, politicamente, surgiu como centro religioso. A mudança de residência do imperador, de Roma para Milão ou Ravena, e finalmente a cessação definitiva da dignidade imperial no Ocidente, fizeram do bispo de Roma o cidadão mais importante da antiga capital. Houve sempre um encanto particular em torno do nome de Roma. Um poder místico parecia nela contido. E até os bárbaros, embora não mais vissem no Capitólio nem no Foro a sede da majestade, ainda reverenciavam a Cidade Eterna, e o camponês romano, e o conquistador gótico, começaram a considerar o bispo de Roma, mais que o próprio imperador, como centro da unidade do ocidente."

(29) Zóximo, "História Romana," livro 4, cap. 36, em "Corpus Scriptorum Historiae Byzantiae."

(30) Plutarco, "Vidas dos Nobres Gregos e Romanos," Numa, "Julius Caesar," "Antonio," "Caius Marius," "Tiberius Gracchus," "Caius Gracchus," Varro, "Sobre o Idioma Latino," livro 5, cap. 83, em LCL, Vol. I, pág. 81; Valtejus Paterculus, "Compêndio de História Romana" livro 2, caps. 12, 43 e 49, em LCL, págs. 2-75, 142-145, 158-161; Aulus Gellius, "Notas Áticas," livro 7, cap. 9, em LCL, Vol. II, págs. 116-119; Dio Cassius, "História Romana," livro 27, cap. 37, em LCL, Vol. III, págs. 158-161; livro 52, cap. 51, em LCL, Vol. IV, págs. 149-197; livro 53, cap. 51, livro 54, cap. 53, livro 59, cap. 15, em LCL, Vol. V, págs. 302-307, 402-405, 370-373, respectivamente; Appiano, "Guerras Civis," livro 2, cap. 10, pars. 68 e 69; cap. 18, pars. 126-132; livro 5, cap. 13, em LCL; Appiano, "História Romana," Vol. III, págs. 352-477, 458-477, Vol. IV, págs. 584-597, respectivamente; Suetonius, "Vida dos Doze Césares," "Julius," "Augustus," "Claudius," "Nero," Macrômio, "Saturnalia," livro 2, cap. 9.

(31) "Codex Theodosianus," livro 16, tit. 1.

(32) "Sobre a Modéstia," cap. 1, em PAN, Vol. IV, pág. 74.

(33) Clemente, "Primeira Epistola aos Coríntios," cap. 45, par. 5; cap. 47, par. 6, em LCL, "Os Pais Apostólicos," Vol. 1, págs. 86, 87, 90 e 91.

(34) Ireneu, em Eusébio, "História Eclesiástica," livro 5, cap. 24, pars. 9-11.

(35) Barônio, "Annales Ecclesiastici," ad., ann., 263, pars. 36 e 37, Vol. 3, págs. 193 e 194.

(36) Hefele, "A History of the Councils of the Church," tomo I, págs. 388-404.

(37) Cânon 3, em Hefele, op. cit., Vol. II, pág. 357.

(38) Cânon 28, em Hefele, op. cit., Vol. III, págs. 410-420.

(39) "Codex Justinianus," tit. 14, "Novella," 121, cap. 2.

(40) Hefele, op. cit., Vol. II, págs. 114 e 115.

(41) W. Ernest Beal, "Rise of the Papacy," págs. 114 e 115.

temente, deixou de usar o título de "Pontifex Maximus." Este imperador, com a colaboração dos coimperadores, promulgou, em 381 AD, um decreto com que declarava que a doutrina trinitária de Roma, a sede de Pedro, com a qual Alexandria rivalizava, era a ortodoxa (42), obviamente em contraste com o arianismo.

12. Contribuições do papa Leão I

O papa Leão I o Grande (440-461) constituiu assinaladamente uma ilustração do crescimento do poderio do papado. Foi ele um líder nato, teólogo hábil e político sagaz. Deu-lhe o tempo oportunidade de pôr em prática suas aptidões. Durante sua administração, o papado deu passos definidos para converter-se na instituição mais forte com atribuições sobre a vida dos habitantes da Europa ocidental.

Uma série de controvérsias com o bispo Hilário, primaz de Gália, em que o papa acossou seu adversário, deu-lhe a oportunidade de obter de Valentiniano III, imperador do ocidente, um decreto que convertia o papa de Roma em árbitro de todas as controvérsias religiosas, e requeria dos governadores romanos que cuidassem de que os que haviam sido aprazados pela corte papal, comparecessem sem demora (43). Este decreto imperial, datado do ano 445 AD, embora o papado o não apresente com demasiado entusiasmo por não desejar confessar que o Estado lhe conferiu estes poderes, contribuiu de fato para afiançar o domínio do papado sobre as igrejas da cristandade.

O concílio de Calcedônia, celebrado no ano 451, deu a Leão a oportunidade de manifestar sua habilidade como teólogo. O concílio tinha perante si os ensinamentos dos nestorianos, no sentido de que Cristo tinha duas naturezas intrinsecamente separadas e só moralmente unidas, e que a natureza divina predominava em grau sumo sobre a humana. Os bispos tinham a declaração do papa Leão sobre a natureza de Cristo — o famoso "Tomo de Leão," que sustinha que as naturezas humana e divina de Cristo estavam unidas em uma só pessoa, o que foi aceito pelo Concílio de Calcedônia como a posição ortodoxa acerca da pessoa de Cristo (44). Não obstante foi ele incapaz de fazer ouvir com êxito seus vigorosos protestos contra o voto de Calcedônia, que colocava em pé de igualdade Constantinopla e Roma.

O pontificado de Leão desenvolveu-se nos agitados dias das invasões dos bárbaros. Em seu tempo, os hunos arrasaram o ocidente da Europa. Ao serem detidos na Gália central, voltaram-se para o oriente, e depois de atravessarem o norte da Itália, ameaçaram Roma. Existem fontes históricas que indicam que, com uma escolta, Leão se avistou com Atila, rei dos hunos, e com ele conferenciou. Em seguida a essa entrevista, negada por alguns e aceita por outros, os bárbaros retrocederam e dirigiram-se para o oriente (45). Atila morreu pouco depois e os hunos desapareceram como potência européia. Quatro anos mais tarde, em 455, os vândalos, acaudilhados por Genserico, que haviam irrompido meio século antes através da Gália e Espanha, e então procediam à invasão do norte da África, estavam atacando a Itália por mar, com barcos de sua construção, que navegavam através do Mediterrâneo, procedentes do norte da África. Genserico encaminhou suas forças para Roma, e graças à intervenção de Leão, retirou-se da cidade, depois de haver ocasionado muito menos dano do que teria podido produzir (46). Não obstante, o vocábulo *vandalismo* perdura como sinônimo de destruição, surgido com base no terrível saque de Roma.

Leão honrou o domingo. Ele confirmou o que os papas que o precederam haviam ordena-

do, no sentido de que o batismo devia ser realizado somente no domingo da Páscoa e no de Pentecostes (47). Depois lutou contra os pagãos que usavam o domingo e a segunda-feira para néles renderem culto ao Sol e à Lua (48). Reafirmou a santidade do domingo, assinalando que era o memorial do dia em que Deus havia criado a luz, em que Cristo ressuscitara do sepulcro, em que fora soprado o Espírito Santo sobre os discípulos, em que o mesmo Espírito foi derramado no Pentecostes (49).

13. O desarraigamento das três pontas

O imperador Justiniano (527-765) muito fez pelo papado, embora regente do Império Romano do oriente, e pouco êxito alcançou em seu empenho de pôr todo o império ocidental sob o seu domínio direto. Com efeito, foram seus esforços por acabar com as tribos germânicas, cujos reis não foram muito obedientes aos desejos do imperador de Constantinopla, que deram a oportunidade de ajudar o papado. As campanhas de Justiniano no ocidente foram a causa de que fossem desarraigadas as duas pontas que figuram no capítulo sétimo de Daniel (Dan. 7:8 e 24).

A primeira delas foi arrancada antes que Justiniano ascendesse ao trono. Seria bom lembrar que o exército de Odoacro era em sua maior parte constituído de germanos, quase todos hérulos. Este exército estava na Itália, no ano 476, acampado em redor de Roma, e quando Odoacro apresentou ao imperador romano a habitual exigência de terras para suas tropas, este, Rômulo Augústulo, ou melhor dito, seu pai Orestes, general de todos os exércitos romanos do ocidente, que era o verdadeiro governador, recusou conceder para as tropas de Odoacro o que era costume: um terço das terras aráveis. Quando o resoluto chefe germano se convenceu de que os romanos se obstinavam em não lhe satisfazer o pedido, tomou o assunto em suas próprias mãos. Mandou matar Orestes e encarcerou-lhe o filho, o pequeno Rômulo, num mosteiro. Tomou, então, a insígnia imperial e, por um mensageiro, a enviou ao imperador de Constantinopla, visto que o imperador do oriente era suficiente autoridade imperial para todos. Odoacro converteu-se, então, virtualmente, em rei da Itália (50).

Ele e seus sucessores eram arianos, e irritaram provavelmente o papa estabelecido em Roma Odoacro interviera na eleição papal de 483 (51). O imperador Zenon sentiu-se molesto no oriente pela presença dos ostrogodos na Grécia e Tessália, e autorizou essas tribos germa-

(42) "Codex Justinianus," livro 1, tit. 1, par. 1; Joseph Chullen Ayer, "A Source Book for Ancient Church History," págs. 367 e 368.

(43) "Codex Theodosianus," livro 14.

(44) Hefele, *op. cit.*, Vol. III, págs. 225-236, 316 e 317.

(45) Hydatius, "Chronicon," cap. 154, em "Monumenta Germaniae Historica, Auct. Antiq.," Vol. XI, págs. 26 e 27; Próspero, Tiro, "Chronicon," cap. 1.367, em "Mon. Germ. Hist., Auct. Antiq.," Vol. IX, pág. 482. Jordanes, "History of the Goths," cap. 42, pág. 69, "Book of the Popes," cap. 47, pág. 101.

(46) Próspero Tiro, "Chronicon," cap. 1.371, em "Mon. Germ. Hist., Auct. Antiq.," Vol. IX, pág. 484.

(47) Epístola 16, cap. 4, em PNP, 2ª série, Vol. XII, pág. 82.

(48) Sermão 42, cap. 5, em PNP, 2ª série, Vol. XII, págs. 157 e 158.

(49) Epístola 9, cap. 2, em PNP, 2ª série, Vol. XII, pág. 71.

(50) Procópio, "História das Guerras," livro 5, cap. 1; Hodgkin, *op. cit.*, Vol. II, págs. 519-526; Oman, "Dark Ages," págs. 4 e 5.

(51) Hodgkin, *op. cit.*, Vol. III, págs. 142-144.

nas a avançarem em direção ao ocidente e tomarem a Itália. Quando Teodorico, também ariano, rei dos ostrogodos, chegou à Itália, em 489, derrotou Odoacro, mas só em 493 pôde assegurar a rendição deste, a quem mandou matar. Teodorico se constituiu no indiscutido rei na Itália (52). Assim foi desarraigada a primeira ponta — o ariano Odoacro — que causara incômodos ao papado.

Foram os exércitos de Justiniano que desarraigaram as outras duas pontas. Os vândalos penetraram no norte da África, no ano 428 e, em breve, venceram as forças romanas dessa região e dela se apossaram (53). Genserico era ativo ariano, e as autoridades católico-romanas no norte da África o irritaram, o que deu origem a que as perseguidoras inclinações dos vândalos se manifestassem contra elas em todo o seu rigor (54). Desde que se completara a conquista de Cartago pelos romanos, no ano 142 AC, o norte da África fôra virtualmente um subúrbio, se bem que muito importante, da cidade de Roma. Da mesma maneira, as igrejas do norte da África eram consideradas filhas da Igreja Romana, que sobre elas exercia grande influência. Os católicos do norte da África apelaram para Justiniano e, no ano 533, os vândalos foram vencidos e extirpados do cenário da história. (55)

Havendo triunfado sobre os vândalos, Belisário, por ordem do imperador Justiniano, se encaminhou para a Itália, onde, no ano 534, iniciou uma campanha contra os ostrogodos.

Estes, por ordem de seu rei Teodorico, haviam sido muito tolerantes na Itália. O papado, porém, não podia tolerar o governo de um rei ariano. Desaprovou o trato bondoso

dispensado por Teodorico aos judeus. Esforçou-se por convencer Justiniano da importância de fazer desaparecer todo o poderio político dos godos (56). Ao enviar Belisário, Justiniano estava tornando uma realidade o seu governo teórico da Itália e da Europa ocidental, e o seu sincero desejo de extirpar o arianismo, a quem odiava, porque Justiniano foi teólogo na justa acepção da palavra, e reconhecido extirpador da heresia.

Vinte anos durou a campanha contra os ostrogodos. Ela viu Belisário substituído por Narses. Viu as tropas romanas vencidas uma após outra. Mas, a pouco e pouco, os ostrogodos foram expulsos, dizimados e, finalmente, eliminados da história, no ano 535 (57). O ponto importante da campanha, porém, em relação com a interpretação da profecia, é que em 536 os ostrogodos foram expulsos de Roma, e o cerco desta cidade foi levantada, em 538 (58). Voltaram eles a entrar na cidade no ano 540 (59) mas unicamente por breve lapso de tempo, em uma daquelas manifestações de vigor que se notam às vezes num moribundo. A terceira ponta havia sido desarraigada.

(Continua)

(52) *Idem*, págs. 180-213.

(53) *Procópio*, op. cit., livro 3, caps. 3 e 4.

(54) *Idem*, caps. 6-8; *Victor Vitensis*, "Historia Persecutionis Africanae Provinciae."

(55) *Procópio*, op. cit., livro 4, *Hodgkin*, op. cit., Vol. III, cap. 15.

(56) *Pasquale Villari*, "Barbarian Invasions of Italy," cap. 4.

(57) *Hodgkin*, op. cit., Vol. V, págs. 3-66.

(58) *Idem*, Vol. IV, págs. 73-113, 210-252.

(59) *Idem*, págs. 455-504.



E VANGELISMO

Aparências ou Realidade?

G. CUPERTINO

(Secretário Associado da Associação Ministerial da Divisão Sul-Européia)

ENTRE as muitas lições valiosas contidas na história do antigo Israel está uma que deveria ser preciosa para os adventistas do sétimo dia que vivem em países onde representam uma débil minoria e, por consequência, encontram dificuldades. É a lição das realidades. A Bíblia nos diz que os dez espias se entregaram ao desencorajamento por causa das aparências, enquanto Josué e Caleb, dirigindo os olhos para Deus, falaram de otimismo e bom ânimo.

Condições análogas às do passado ocorrem hoje. Em alguns países da Divisão Sul-Européia, onde o catolicismo é a religião dominante, os adventistas do sétimo dia estão animosamente dando testemunho da verdade. Mas nem por isso deixa de ser verdade que muitas vezes são afetados pelo que vêem ao redor: catedrais imponentes, rituais, a beleza da música e a arte, atuam sobre as emoções e agem

como sedativo sobre a turbada consciência; controla a imprensa, das escolas, da opinião pública — tudo tendendo a lembrar à pessoa um poder a que, é inútil resistir.

Incredulidade

Há, contudo, outro quadro, e mais verdadeiro. O cristão é aconselhado a não tirar conclusões apressadas, "pois o Senhor não vê como vê o homem." A grande estátua de ouro, prata, cobre e ferro do sonho de Nabucodonozor descansava sobre fundamento frágil. Ao observarmos atentamente certos aspectos reveladores desta religião das massas, encontramos a mesma confusão. Vemos então, lado a lado, inegáveis exemplos de sinceridade e fervor, fraquezas que alcançam o próprio fundamento dessa religião. A forma de piedade é uma coisa — forma que se pode adaptar à ignorância e super-

tição — outra, porém, é o conhecimento de Deus e dos princípios da verdadeira espiritualidade.

Eis cinco fatos dignos de consideração: A Itália é país não raro apresentado como possuidor de uma religião unida. Mais que 99 por cento da população se compõem de católicos nominais. No entanto o diretor de um das revistas ilustradas mais populares não hesita em escrever o seguinte:

“Fui educado e tenho vivido num país onde nossos filhos são cristianizados, onde são admitidos à plena comunhão da igreja em que mais tarde se casam, onde são invocadas bênçãos sobre nossa casa *sem crermos em Deus*, apenas porque é preferível não ter qualquer aborrecimento nem com Deus nem com o próximo.” — *Oggi*, 1º. de outubro de 1953.

É possível descrever com maior candura a condição espiritual digna de piedade de uma multidão de pessoas que têm “aparência de piedade, mas negam a eficácia dela”?

Talvez alguém dirá: “Aqui temos de tratar com um povo ingorante, e sua falta de cultura explica-lhes a incredulidade.” Ou: “Deveras estes são uns pobres; são loucos, pois não conhecem o caminho do Senhor, o juízo do seu Deus. Irei aos grandes, e falarei com eles.” Jer. 5:4 e 5.

Vamos então a um desses grandes homens, o renomado filósofo espanhol George Santayana, católico militante e professor de universidade. Este grande homem morreu num convento de religiosas irlandesas em Roma, aos noventa anos de idade. Escrevendo sobre ele no *Corriere della Sera*, de 2 de outubro de 1953 (o mais autorizado jornal da Itália), Emílio Cecchi diz: “Foi católico em tudo — em tudo excepto na fé.” E acrescenta que este grande católico é o suposto autor da frase: “Deus não existe... e Maria é Sua mãe.”

Superstição

Apenas os que têm vivido em certos países podem alcançar a verdade deste estranho paradoxo: a incredulidade e o carolismo andam de mãos dadas.

Outro aspecto da religião das massas é a superstição. Uma recente demonstração disto é o chamado milagre da estátua da santa virgem em Siracusa, na Sicília. Esta estátua, dizem, começou a derramar lágrimas, levando assim a fanáticas manifestações em toda a cidade. Siracusa tornou-se repentinamente num santuário. Peregrinos de todas as partes da Itália e de alguns países estrangeiros afluíram ali para ver o “milagre.” Poucos dias mais tarde uma estampa desta mesma estátua começou a chorar, e pouco depois uma terceira estátua, em Pôrto Empedocle, também na Sicília, derramou lágrimas.

Quando as pessoas possuidoras de boa dose de senso-comum se põem a criticar esta desordenada tendência para a credulidade em tais “milagres” tolerados pela igreja, mas inteiramente estranhos ao espírito do evangelho, a réplica é: “Temos aqui demonstração da emoção das massas que a igreja não pode prevenir e pelas quais não é responsável.” — *Corriere della Sera*, 25 de outubro de 1953.

Esta objeção não remove, todavia, a inquietante dúvida que se apegava ao coração do observador imparcial, quando considera a posição “oficial” da igreja como expressa no *L'Osservatore Romano* — mensário oficial da igreja — e em publicações autorizadas com a menção *con approvazione ecclesiastica*.

Aqui está, por exemplo, o que lemos em

L'Osservatore de 7 de julho de 1943, na coluna “Roma Sacra”, sob o título “Madonna dell'Archetto”:

“O dia 9 de julho é o centésimo-quadragesimo-sétimo aniversário do dia abençoado que permanece memorável na história religiosa de Roma, pois esse foi o dia em que numerosas estátuas da santíssima Maria, como sinal de seu amor e predileção por nossa cidade, miraculosamente moveram as santas pálpebras.”

Estes e muitos outros exemplos similares tornam evidente que a fé em tais “milagres”, longe de ser censurada pela igreja católica, é pelo contrário encorajada por sua mais alta hierarquia.

Volvamos, porém, à lacrimosa Madonna de Siracusa. No mesmo *Corriere della Sera*, de 25 de outubro de 1953, um correspondente, defendendo o ponto de vista católico, escreveu, sob o título “Prudente Reserva da Igreja no que Respeita à Estátua que Chora”:

“Qual é a posição da igreja concernente aos milagres da Madonna que chora...? A igreja não toma posição, afirmam os círculos eclesiásticos romanos. A igreja, em resumo, teme uma inflação de milagres... Não raro acontece que incidentes similares, fazendo grande sensação no início, são esquecidos mais tarde. Algumas vezes a excitação popular continua, muito embora o pretendido milagre tenha sido negado oficialmente, ou pelo menos pôsto em dúvida, como no caso da aparição da Madonna da Gruta das Três Fontes, próximo de Roma. A igreja não pode impedir o povo de acorrer a tais santuários para implorar bênçãos. É reconhecido que muito embora o fato original não exista, a fé intensa dos suplicantes pode alcançar o favor desejado.”

O pretenso milagre da Madonna das Três Fontes, próximo de Roma, é agora rejeitado ou pelo menos pôsto em dúvida, conforme este escritor católico. Assim é que os milagres surgem repentinamente, são multiplicados, postos em dúvida e morrem no olvido. E as multidões parecem preferir esta forma de religião — religião sensacional, que apela aos sentidos e cria o excitação nas massas. Ainda permanece provado o fato de que mais fácil é fazer longas peregrinações do que abandonar alguém o pecado; é mais fácil realizar certos ritos do que mudar a maneira de viver.

Não nos deixemos, portanto, mover facilmente pelas aparências. “Não seguirás a multidão para fazeres o mal” (Êxo. 23:2), foi a mensagem de Deus a Israel por intermédio de Moisés. Esta injunção é para o povo de Deus em todos os tempos. Somos convidados a examinar mais fundo que na superfície — investigar a realidade e a verdade. Nem números, esplendor material ou antigas tradições são de valor essencial para o filho de Deus. Aquê que tem as Santas Escrituras por companhia pode parecer irrisório e solitário. Nosso eterno destino será determinado por havermos simplesmente clamado “Senhor, Senhor,” ou por havermos feito de fato a vontade de nosso Pai que está nos Céus.



CAIXA DE PERGUNTAS

○ Significado de Malaquias 2:1-17

R. E. FINNEY

(Redator de "These Times")

O LIVRO de Malaquias foi endereçado por Deus a Seu povo antes que Cristo viesse pela primeira vez. É Ele em muitos sentidos um paralelo das mensagens de Deus a Seu povo precisamente antes que Cristo venha pela segunda vez. Há, assim, em Malaquias, muitas lições espirituais para nós hoje (Rom. 15:4; I Cor. 10:11), muito embora o livro seja endereçado ao povo de todos os tempos.

O profeta Malaquias dirigiu suas palavras aos levitas e sacerdotes. (Mal. 1:6; 2:1, 4, 7 e 8.) Estes corresponderiam aos ministros e ensina-dores religiosos de hoje. Em Mal. 2:1 e 2, Deus os adverte de que, a menos que dêem ouvidos aos Seus conselhos, Ele transformará em maldição suas bênçãos. O antigo povo judeu foi abençoado por Deus acima de todas as outras nações da Terra. Mas ao deixarem de apreciar suas bênçãos, Ele os puniu mais que a qualquer outro povo. (Deut. 28.) Exatamente assim será com a moderna igreja quando Cristo vier, a menos que se volvam para Ele agora, enquanto há tempo. (S. Mat. 24:30; 25:1-13.)

Na antiga Jerusalém, depois de uma de suas grandes festas, como era a Páscoa, quando grande multidão de visitantes enchia a cidade, havia enorme trabalho a ser feito na remoção dos detritos e entulhos deixados pelos que se retiravam após as festividades. Diz Deus, em Mal. 23, que a não ser que os ministros se arrependam propuzerem no coração, conforme o verso 2), éle os removerá como o refugio deixado pelos grandes ajuntamentos. Isto é com efeito uma profecia de como perecerão, quando Cristo vier, aqueles que não foram salvos. (Jer. 25:30-33; 2 Tess. 1:7-10.)

Em Mal. 2:4-10 Deus relembra aos levitas como Ele fez um concerto especial com seus antepassados nos dias de Moisés, para que eles fôsem Seus sacerdotes, e ministros, e ensina-dores. (Núm. 1:47-53; 3:5-13 e 40-45; 8:22; 18:1-24; Nee. 8:9-12.) Ele fala do bem que fizeram com ensinar Seu povo em várias ocasiões. Fala também de como fizeram mal quando se desviaram e permitiram que outros se desviassem. (Ver a narração em Juizes 17 e 18, de como os levitas deixaram que toda a tribo de Dan se entregasse à idolatria.) Mal. 2:4-10 é um quadro do inteiro corpo de ministros de todas as igrejas cristãs professas. Alguns são verdadeiramente homens piedosos, mas outros não; e êsses desencaminham o seu povo.

Nos versos 11 e 12, Deus adverte que destruirá os que dentre Seu povo tenham ido para a idolatria. Esta é uma advertência contra a mundanidade do professo mundo cristão de hoje. Muito do brilho, e pompa dos cultos da igreja é de origem pagã. Algumas doutrinas amplamente defendidas pelas igrejas cristãs são pagãs de origem. Toda a estrutura das igrejas deste século está sendo permeada de paganismo e materialismo.

No verso 13, Deus protesta contra os que a Ele oram somente quando estão em tribulação;

e choram perante Ele até que com êles se enfastia por não estarem verdadeiramente entristecidos por seus pecados, mas apenas por causa do castigo. Deus aceita a verdadeira tristeza pelo pecado, e isto opera a transformação na vida do arrependido. (II Cor. 7:9-11.)

Aquêles a quem Malaquias se dirige, acintosamente perguntam por que Deus os castiga. (Mal. 2:14.) Deus responde que é por causa de sua imoralidade. Nos versos 14-16 o Senhor solenemente protesta contra a infidelidade para com as esposas e contra o divórcio. Diz que ordenou no início que o homem fôsse fiel à mulher que desposou na sua juventude, a fim de ter filhos piedosos e piedosa hereditariedade. Êsses versos são um quadro perfeito da terrível vulgarização da imoralidade e do divórcio no século presente, e faz alusão ao castigo que Deus trará sobre o povo de nosso tempo, que professa possuir luz mas se afunda na vilania e imoralidade.

Mal. 2:17, embora endereçado ao povo dos dias de Malaquias, certamente se aplica ao nosso tempo. Como não deve Deus estar cansado do formalismo, hipocrisia e pretensa religiosidade! No entanto o século presente se vangloria de ser espiritualmente melhor que qualquer século anterior. Nós dizemos: Em que temos nós fatigado a Deus? Ele responde que é por ensinarmos que podemos pactuar com tudo, na presunção de que Ele não nos trará a juízo. Mas estamos muito próximo do fim do tempo, quando Deus queimará todos os ímpios (Mal. 4:1 e 3) e salvará apenas os que sinceramente O temem. (Mal. 3:16-18; 4:2.)

A Profecia e Evidência

ATEÍSMO AGRESSIVO. Profecia: "Ai dos que habitam na Terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo." Apoc. 12:12.

O inexcusável alcance das missões cristãs nos anos recentes tem sido acompanhado de poderoso ressurgimento das forças pagãs e ateístas em todo o mundo. Na África, centenas de líderes nativos de igrejas estão apostatando, declarando-se profetas e produzindo um sistema de culto em parte cristão, em parte pagão. Certo número de comunidades cristãs deste continente estão ameaçadas pelo maometismo e seu pagano renascimento. Da parte sul do continente chega a notícia de que grandes massas de nativos estão abraçando a fé maometana como reação "à opressão dos brancos europeus, o que êles identificam com o cristianismo."

No Japão, o xintoísmo está experimentando um reavivamento. Nas altas esferas militares faz-se sentir que a nação não alcançará com-

pleta recuperação sem que haja um retorno aos santuários de Xinto.

Mais ominosos, talvez, são os rumores do cenário budista. Na Birmânia budista, este ano, milhares de pessoas estão trabalhando sem remuneração nos diferentes setores para a gigantesca celebração do segundo e meio milênios de importante acontecimento da carreira de Gatama Buda. De acordo com a autorizada *Burmese Christian Source* (Fonte Cristã Birmanesa de Informação), "alguns líderes birmaneses estão prognosticando que um novo e poderoso surto de catequese brotará de sua reunião, e isto afetará grandemente a obra do cristianismo nos países budistas."

“A CRISTIANISMO ESTÁ PENETRANDO NAS ÚLTIMAS REGIÕES NÃO ADVERTIDAS DA TERRA. Profecia: "E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim." S. Mat. 24:14.

Nunca dantes tantas pessoas tiveram, como hoje, tão pronto acesso às revelações escritas de Deus. De acordo com a monumental *História do Cristianismo*, de Kenneth Escott, o evangelho de Cristo "está hoje penetrando na vida de maior número de pessoas, do que ele mesmo ou qualquer outra religião já o conseguiu." — *Introdução*, pág. 25.

A obra fenomenal das Sociedades Bíblicas tem sido fator preponderante para alcançar isto. Nos 350 anos que medearam a primeira impressão da Bíblia e a fundação da primeira Sociedade Bíblica (1804), a Bíblia, ou porções dela, foram traduzidas em 73 línguas e dialetos. Nos 150 anos seguintes, 991 línguas ou dialetos foram acrescidas, numa média de aproximadamente sete por ano, dando o total de 1.064.

Como parte da comemoração do centenário e meio da Sociedade Bíblica Britânica em todo o mundo, um programa sem precedentes para despertar o interesse na leitura da Bíblia e

prover Escrituras aos que desejarem lê-la, foi levado a efeito no ano 1954. O projeto, do qual participaram pessoas de pelo menos sessenta nações, está sendo descrito como "uma das maiores manifestações de fé na história humana," e será patrocinado por vinte e cinco Sociedades Bíblicas. Um dos maiores alvos para 1954 foi aumentar a circulação anual das Escrituras de 20.000.000 para 25.000.000, com um alvo provável de 50.000.000 para 1960. (Nos últimos 150 anos, cerca de 1:200.000.000 porções das Escrituras foram distribuídas em todo o mundo; uma notável conquista em si mesma.)

A CIVILIZAÇÃO NO OCASO. Profecia: "Então os homens se meterão nas concavidades das rochas, e nas cavernas da Terra, por causa da presença espantosa do Senhor, e por causa da glória de Sua majestade, quando Ele Se levantar para assombrar a Terra." Isa. 2:19.

Muitos podem orgulhar-se da conquista do espaço; mas em cumprimento da profecia estão sendo forçados a se meterem no interior da Terra. Uma caverna de cerca de 40 metros de comprimento no Ozarks, o primitivo esconderijo de Jesse James, está sendo explorada comercialmente por uma empresa de Missouri. Algures debaixo de uma montanha em Maryland, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos está construindo um "octógono" subterrâneo. Uma grande firma hipotecária depositou cinquenta milhões de dólares em títulos numa caverna secreta nas montanhas Pocono. Em Idaho foi aberta enorme caverna numa montanha, a fim de nela abrigar documentos de valor. Outro depósito subterrâneo antibélico, contendo 400 aposentos para estocagem foi construído no nordeste. E uma Comissão Nacional de Planejamento, depois de efetuar estudos sobre abrigos antiaéreos, considerou-os "um problema nacional," de custo mínimo provável de dois bilhões de dólares.

R. E. FINNEY

CURSO DE LEITURA MINISTERIAL PARA 1955

Deuses, Túmulos e Santos

C. W. Ceram
Cia. Melhoramentos de São Paulo
Preço?

Liberdade Americana e Poderio Católico

Paul Blanchard
União Cultural, São Paulo
Preço: Cr\$ 95,00

Testemunhos Seletos, Vol.1

E. G. White
Casa Publicadora Brasileira
Preço: Cr\$ 90,00

Entre a Água e a Selva

(Biografia de Alberto Schweitzer)
Preço?



Dois dos livros escolhidos estão esgotados, mas as respectivas editoras estão imprimindo nova edição. Por esse motivo não nos é possível anunciar preço. Esperamos poder fazê-lo no número vindouro, quando daremos, também, o preço total do jogo.

Todos os obreiros que se inscreverem neste Curso receberão, sobre o valor dos livros, o desconto de 50 %, que lhes será concedido pela organização empregadora.

Envie hoje mesmo sua inscrição à Associação Ministerial da Divisão Sul-americana, casilla 286, Montevidéu, Uruguai.



NOTAS E NOTÍCIAS

... O Papa Pio XII lançou uma advertência grave contra os perigos da "teologia leiga", numa fala para cardeais e bispos a quem recebeu em audiência no encerramento das cerimônias da canonização de Pio X. Fontes do Vaticano consideraram essa fala uma das mais importantes do atual pontificado papal. Insistiu êle em que o ensino da religião e moral "é atributo exclusivo do officio e autoridade da Igreja." "Nunca houve, não existe agora, e nunca haverá na Igreja uma legítima autoridade de ensino leigo, por Deus separada da autoridade, guia e vigilância da sagrada autoridade de ensino."

... Tiveram os historiadores que retratar-se de uma de suas críticas da Biblia. Há muito haviam muitos insistido em que os impérios do rei Salomão e da rainha de Sabá foram-no em séculos diferentes, de forma que o registro bibli-co da visita da rainha a Jerusalém teria sido inverídico. A última expedição arqueológica americana ao sul da Arábia constatou que ambos os impérios foram coexistentes. Os descobrimentos foram revelados em Jerusalém pelo prof. W. F. Albright, da Universidade de John Hopkins. — *Christian Life*.

... Os pagãos indus poderiam ensinar ao ocidente "cristão" pelo menos uma lição — as vantagens da abstinência do álcool. Não somente a Constituição da Índia recomenda a proibição (áreas extensas são totalmente abstêmias), e não somente a Índia instruiu as suas embaixadas no estrangeiro para não servirem álcool em cerimônias oficiais, mas muitos dentre os seus habitantes são ardorosos adeptos da abstinência. O líder dessa campanha é Swami Sitaram, da Província de Andra, um "santo" de cerca de sessenta anos, que recentemente se aventurou a uma greve de fome em prol da proibição, durante a qual não ingeriu coisa alguma além de água e bicarbonato de sódio. — *These Times*.

... Cristo ou Krishna? Temporariamente pelo menos, a perspectiva da obra cristã na Índia enveredou para melhor. Se bem que os meses recentes tenham indicado que o Governo haja estado planejando entravar as atividades evangélicas dos missionários estrangeiros, a última atitude, segundo informa membro do gabinete, Rajkumari Amrit Kaur, "é que os missionários estrangeiros se mantenham inteiramente alheados da propaganda política e se entreguem unicamente à assistência social e à atividade religiosa. ... Serão êles sempre bem-vindos aqui, não somente pela sua capacidade pessoal, pelos serviços que prestam e pelo exemplo que dão, mas também como evidência da boa vontade internacional. ... Trabalharão êles conosco para aliviar o sofrimento, banir a ignorância e construir a Índia dos nossos sonhos."

Poucos dias antes dessa declaração, o próprio primeiro ministro da Índia, Jawaharlal Nehru, pessoalmente assegurou a importante oficial de igreja que os esforços cristãos não seriam entravados, contando que se mantivessem afastados das atividades não religiosas.

Entretanto, o vizinho Governo do Paquistão foi aconselhado por um líder nacionalista cristão, a acrescentar à Constituição Nacional medidas de liberdade religiosa. — *These Times*.

Na Cidade de Londres, Há 150 Anos, Nasceu a Primeira Sociedade Bíblica

C. H. MORRIS

(Secretário Cooperante da Sociedade Bíblica do Brasil)

FOI no dia 7 de março de 1804 que se organizou a Sociedade Bíblica Britânica, na velha capital da Inglaterra; portanto, esta organização já completou 150 anos de serviços ao Reino de Deus, na tradução, impressão e distribuição da Palavra Sagrada. Povos de mais de sessenta nações comemoraram êsse fato histórico, e em diversos países, o ano todo de 1954 foi dedicado à celebração do Terceiro Jubileu.

Cheguei à Inglaterra no mês de maio e, poucos dias depois de pisar novamente o solo da terra onde nasci, tive o privilégio de, no coração de Londres, perante grande auditório, na reunião anual da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, falar da obra grandiosa e cada vez mais florescente da Sociedade Bíblica do Brasil, com a qual, há anos, tenho tido o prazer de estar intimamente relacionado.

Falei centenas de vezes sobre o Brasil, em colégios e escolas, nas reuniões anuais das Comissões Auxiliares, nos Rotary Clubs, no salão nobre das Prefeituras de muitas cidades, e ainda ao ar livre, em pequenas reuniões de senhoras, etc.

O Congresso Mundial das Sociedades Bíblicas Unidas realizou-se na cidade de Eastbourne, na costa do Canal da Mancha, na Inglaterra. As Sociedades Bíblicas Unidas regozijaram-se com a esperança de distribuir vinte e cinco milhões de exemplares da Palavra Divina, no ano corrente, e estão fazendo planos cuidadosos para aumentar até cinquenta milhões, em 1960.

Um dos acontecimentos de importância foi, sem dúvida, a visita da Rainha Mãe, Elizabeth da Inglaterra, ao Edifício da Biblia, na capital Britânica, pois, certamente, com êsse ato, Sua Majestade demonstrou, de modo claro, sua simpatia e interesse pelo ideal do grande trabalho da Organização. A Rainha Mãe conquistou o coração de todos os presentes por sua maneira graciosa, bem como pelo interesse sincero em tudo quanto viu e ouviu. Falou comigo, por alguns minutos, demonstrando muito interesse pelo trabalho da Sociedade Bíblica do Brasil, indagando, especialmente, sobre o desenvolvimento da obra da divulgação das Escrituras no vasto território brasileiro.

Depois de tomar chá, em companhia de regular número de delegados do além-mar, no salão da Diretoria, Sua Majestade foi conduzida à Biblioteca, onde recebeu, das mãos do arcebispo de Cantuária, dois exemplares da Bíblia Jubileu, em inglês, presente da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira ao príncipe herdeiro e sua irmã, princesa Anne.

Com êste espírito de privilégio e dever, encerrou-se aquêle acontecimento memorável, com o cântico triunfal do cântico da Aleluia. — *A Biblia no Brasil*, Vol. VIII, N.º 26.

O CAMPO É O MUNDO

(S. Mateus 4:18-22)

SRA. E. G. WHITE

A OBEDIÊNCIA pronta, implícita desses homens, [os apóstolos] sem promessas de remuneração, parece notável; mas as palavras de Cristo eram um convite que encerrava uma força impelente. Cristo faria desses humildes pescadores, a Ele ligados, o meio de tirar homens do serviço de Satanás, levando-os ao de Deus. Nessa obra se tornariam testemunhas Suas, levando ao mundo Sua verdade sem mistura de tradição nem sofismas de homens. Mediante a prática de Suas virtudes, o andar e trabalhar com Ele haveria de qualificá-los para serem pescadores de homens.

Assim foram os primeiros discípulos designados para a obra do ministério evangélico. Durante três anos trabalharam junto do Salvador e, por Seus ensinamentos, obras e exemplo, prepararam-se para levar avante a obra por Ele começada. Pela simplicidade da fé, pelo serviço puro, humilde, foram os discípulos ensinados a assumir responsabilidades na causa de Deus.

Há, na experiência dos apóstolos, lições que nos convém aprender. Em sua fidelidade ao princípio, esses homens eram como o aço. Eram homens incapazes de fracassar ou desanimar. Eram cheios de reverência e zelo para com Deus, de desígnios e aspirações nobres. Eram por natureza tão fracos e impotentes como qualquer dos que se acham agora empenhados na obra, mas punham no Senhor toda a confiança. Eram ricos, mas sua riqueza consistia na cultura da mente e da alma, e isso pode conseguir todo aquele que puser a Deus como primeiro, e último, e melhor em tudo. Longamente labutaram para aprender as lições que lhes foram ministradas na escola de Cristo, e não labutaram em vão. Ligaram-se com o mais forte dos poderes e ansiavam sempre uma compreensão mais profunda, elevada e ampla das realidades eternas, a fim de poderem, com êxito, apresentar os tesouros da verdade ao mundo necessitado.

Obreiros dêsse quilate são hoje necessários, homens que se consagrem sem reservas à obra de apresentar o reino de Deus a um mundo que jaz em pecado. O mundo necessita de homens que pensem, homens de princípios, que estejam continuamente crescendo em compreensão e discernimento. Há grande necessidade de homens capazes de se servirem da imprensa com o melhor proveito, para que a verdade sejam dadas asas que a levem depressa a toda a nação, e língua e povo.

O Evangelho a Todos os Países

Por toda parte a luz da verdade deve brilhar, para que os corações despertem e se convertam. Em todos os países deve ser proclamado o evangelho. Os servos de Deus devem trabalhar em lugares próximos e distantes, alargando as porções cultivadas da vinha, e indo às regiões além. Devem trabalhar enquanto é dia; pois a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. Aos pecadores deve apontar-se um Salvador erguido numa cruz, fazendo-se ouvir por muitas vozes o convite: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo." Devem organizar-se igrejas e elaborar planos para que a obra seja feita pelos membros das igrejas recém-organizadas. Ao saírem os obreiros cheios de zelo e do amor de Deus, as igrejas em sua própria terra serão reavivadas, pois o êxito dos obreiros será considerado, por todos os membros da igreja, como objeto de profundo interesse pessoal.

Necessitam-se homens e mulheres fervorosos, abnegados, que se dirijam a Deus e, com forte clamor e lágrimas, intercedam pelas almas que se acham à beira da ruína. Não pode haver colheita sem sementeira, nem resultados sem esforços. . . . A terrível condição do mundo pareceria indicar que a morte de Cristo tenha sido quase em vão, e Satanás haja triunfado. A grande maioria dos habitantes da Terra se têm aliado ao inimigo. Mas não fomos enganados. Não obstante a aparente vitória de Satanás, Cristo está levando avante Sua obra no santuário celeste e na Terra. A Palavra de Deus delinea a impiedade e a corrupção que haveria nos últimos dias. Ao vermos o cumprimento da profecia, nossa fé na vitória final do reino de Cristo deve robustecer-se; e cumpre-nos sair com redobrado ânimo, para fazer a obra que nos é designada.

A solene e sagrada mensagem de advertência precisa ser proclamada nos campos mais difíceis e nas cidades mais pecaminosas, em todos os lugares onde a luz da grande tríplice mensagem ainda não raiou. Cada pessoa deve ouvir o último convite para as bodas do Cordeiro. De vila em vila, cidade em cidade, país em país, tem de ser proclamada a mensagem da presente verdade, não com exibições exteriores, mas no poder do Espírito. A medida que, na simplicidade do evangelho, forem expostos os divinos princípios que nosso Salvador veio apresentar neste mundo por palavra e exemplo, o poder da mensagem se fará sentir. Neste tempo tem que apoderar-se de todo obreiro uma nova vida, provinda da Fonte de toda a vida. Oh! quão pouco compreendemos a grandeza de nossa missão!

